

Introdução

1.Objectivos

Este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) emerge no âmbito do Tirocínio para Oficial de Infantaria (TPOI) e da necessidade de dotar o aluno de uma formação científica de base sólida, incitando-o à pesquisa e à investigação.

Assim, para complementar a formação técnica, o presente TIA visa desenvolver conhecimentos teórico-práticos no âmbito da História Militar, tendo como tema: “As operações militares de manutenção do Império Português em África: Uma visão sobre as táticas usadas na perspectiva da doutrina actual.”

Contribuindo de forma inédita para um melhor conhecimento das campanhas realizadas em África, identificando os princípios táticos, os objectivos decisivos e o “*end state*” que se procurou atingir, em cada uma das épocas, em que se projectaram forças militares para África. Possibilitando a reflexão académica, sobre a aplicação prática no terreno, da doutrina em vigor nas diversas épocas em que decorreram as operações. Caracterizando a forma de actuação e a organização das forças militares que participaram nas designadas Campanhas de Pacificação e de Ocupação efectiva, com características e doutrinas táticas muito próprias.

2.Importância do trabalho

Este tema reveste-se de uma importância fundamental para a Arma de Infantaria, tendo como finalidade efectuar um estudo sobre a aplicação e a evolução da doutrina militar seguida nas operações em África, utilizando os conceitos actuais para a caracterização das táticas usadas no âmbito do esforço militar de manutenção do domínio português em África, no final do século XIX (1894/95 Moçambique), início do século XX (Angola 1907), na 1ª Guerra Mundial (Angola e Moçambique) e na Guerra do Ultramar/Colonial (1961/74).

3.Delimitação do tema

Caracterização dos aspectos mais importantes das campanhas de manutenção do Império Português em África, realçando a vertente da constante adaptação que o nosso

País efectuava, ao nível da tática empregue nas referidas campanhas, bem como as inovações que o armamento proporcionava em auxílio da tática, nas épocas respectivas.

4. Orientação metodológica

A metodologia será enquadrada no âmbito de uma investigação histórica, compreendendo a consulta e o tratamento de fontes primárias manuscritas e impressas e outras fontes textuais.

A recolha de informação irá ser efectuada junto das Bibliotecas Militares, da Biblioteca da Academia Militar, do Arquivo Histórico Militar e da Biblioteca Nacional. Sendo um trabalho de investigação, este tem começo com uma pesquisa documental sobre fontes primárias e bibliográficas, directamente relacionadas com o tema a analisar. Após a recolha da informação irá ser desenvolvida uma tese com o intuito de dar resposta às questões expostas no referido trabalho. A execução deste trabalho encontra-se assente unicamente no Método Histórico.

Para o tema em estudo foram levantadas diversas questões que servem de suporte base para dar resposta a uma questão central: **Como Portugal adaptou o seu modo de fazer a guerra durante o último século do Império?**

Da questão ora levantada decorrem as seguintes questões derivadas:

- Quais os tipos de táticas utilizadas nas operações militares de manutenção do Império Português em África?
- Na perspectiva da doutrina actual estas táticas ainda estarão actualizadas?
- De que modo a evolução do armamento influenciou o nível tático, ao longo destes períodos?
- Quais os contributos da africanização para a guerra?

5. Organização do trabalho

O presente trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos da seguinte forma:

No primeiro capítulo, “**Da Conferência de Berlim à conferência de Bandung, o Império na senda internacional**”, irá ser elucidado o enquadramento político-social e militar das diferentes épocas que antecederam as campanhas de manutenção do Império

No segundo capítulo, “**As campanhas de pacificação em Moçambique e Angola**”, irão ser explanadas as campanhas de pacificação nestes dois teatros, bem como a organização das forças envolvidas, a tática utilizada, a africanização da guerra e o equipamento empregue nas campanhas.

O terceiro capítulo, “**A 1ª Guerra Mundial em África**”, irão ser esclarecidas as campanhas de manutenção do Império nos territórios de Angola e Moçambique, face à cobiça Alemã, bem como a organização das forças envolvidas, a tática empregue, a africanização da guerra e o equipamento utilizado nas mesmas.

O quarto capítulo, “**As últimas campanhas de manutenção do Império**”, irão ser explicitadas de um modo geral as campanhas de manutenção do Império, nos teatros de guerra de Angola, Moçambique e Guiné, face aos movimentos independentistas, bem como a organização das forças intervenientes, a tática empregue, a africanização da guerra e o equipamento utilizado nas campanhas.

O quinto capítulo, será constituído pelas conclusões provenientes da investigação realizada, dando resposta à questão central anteriormente levantada, procurando, também, responder a todas as questões derivadas enunciadas.

CAPITULO I

1.1 - Da Conferência de Berlim à conferência de Bandung, o Império na senda internacional

*“Ó bêbada Inglaterra, ó cínica impudente.
Que tens levado tu ao Negro e à escravidão?
Chitas e hipocrisia, evangelho e aguardente,
Repartindo por todo o escuro continente
a mortalha do Cristo em tangas de algodão.”
Guerra Junqueiro in Ode à Inglaterra*

Com o grito do Ipiranga e a consequente perda da mais importante colónia do reino, Portugal direcciona-se tal como as potências industrializadas, para as riquezas dos territórios africanos. Essas pretendiam reforçar as suas posições no continente africano, ambicionando o “*espaço vital*”, sobretudo a partir de 1870¹, desprezando os direitos históricos de Portugal nesse continente. Esse desdém é nítido na Conferência Geográfica de 1876², na qual Portugal não foi convidado. Esse desprezo é acentuado em Setembro desse ano, quando Portugal é excluído da Associação Internacional Africana³. Esta acabou apenas por salvaguardar os propósitos da Bélgica, para alcançar a posse do Congo. (CECA, 1988)

Perante tantos interesses concordantes, Portugal decide ocupar as regiões de Caongo e Massabi. Essa acção foi participada à França e à Inglaterra, esta revela-se preocupada com a ocupação, mas assina o Tratado do Zaire⁴. (CECA, 1988)

Contudo a França, a Alemanha, a Espanha, a Holanda e os EUA manifestam-se, declarando que os direitos históricos de Portugal naquela área não são relevantes. Bismarck⁵ pressiona o governo britânico a não ratificar o Tratado, enquanto existissem as

¹ Com o fim da guerra franco-prussiana, a Alemanha vira-se também para África, por iniciativa de Otto Von Bismarck.

² Organizada por Leopoldo II da Bélgica, com o intuito de travar a expansão da Inglaterra, no entanto a versão oficial era a promoção da exploração e a civilização da África Austral, além da Inglaterra participaram a Bélgica, França e Alemanha.

³ Fundada a 12 de Setembro em Bruxelas.

⁴ Tratado assinado em Londres a 12 de Fevereiro de 1884, no qual é reconhecida a soberania portuguesa nas regiões das duas margens do rio Zaire.

⁵ Otto Von Bismarck nasceu em Schonhausen, em 1815 e faleceu em Friedricruh em 1898. Desempenhou várias funções políticas, sendo a principal, Chanceler Alemão a partir de 1870 e entre 1870 a 1890. (Marracho, 2008, p21). Ver Anexo A, Otto Von Bismarck, p.67

contestações daqueles países. Para solucionar a questão, Portugal propõe a realização de uma conferência em Londres, contudo a Inglaterra não aceita. (CECA, 1988)

Com esta conjectura é a Alemanha que organiza a Conferência em Berlim⁶, com a presença de Portugal, tendo o programa três itens: estabelecer a liberdade comercial na bacia e foz do Rio Zaire, a liberdade de navegação nos Rios Niger e Zaire e qualquer nova ocupação nas costas de África que pudesse ser considerada válida. (CECA, 1988)

Esta simbolizou o tiro de partida da corrida para o continente africano, aplicando-lhe algumas regras, tais como: abolição dos direitos históricos, ocupação efectiva (“*efectivação da posse*”)⁷, liberdade de navegação e comércio nos rios, e liberdade de religião. (Barata, 2004)

Além destas resoluções, outra grande decisão foi a formação do Estado Livre do Congo (protectorado da Bélgica). (Martins, 1945)

No seguimento da resolução da Conferência de Berlim, surgia uma crescente necessidade de se proceder à ocupação efectiva e imediata dos territórios, dando ênfase à colónia de Moçambique, dado que a mesma era ambicionada pelo governo inglês. Para se proceder a esta ocupação criou-se o projecto da África meridional portuguesa, também conhecido por mapa cor-de-rosa⁸, que ligava Angola a Moçambique pelo interior do continente. (Selvagem, 1931)

Enquanto Portugal se empenhava na ocupação militar das regiões do interior de África, actual Moçambique e Zimbabué, este interesse colidia com o projecto de Cecil Rhodes⁹, que idealizava ligar por caminho-de-ferro as cidades do Cairo no Egipto, ao Cabo na África do Sul, sendo apoiado pela coroa britânica. Esta figura emblemática ficou ligada pela sua actividade ao estímulo da colonização europeia e do desenvolvimento económico da região central da África austral, exemplo disso foi a fundação da British South África Company (BSAC) em 1887, que visava edificar a linha Cairo-Cabo que chocava com o projecto português. Perante este confronto de conveniências entre os

⁶ Realizou-se de 15 de Novembro de 1884 a 26 de Fevereiro de 1885, participando quinze países: Portugal, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Bélgica, Alemanha, Áustria, Noruega, Suécia, Dinamarca, Turquia, Rússia e EUA. (CECA,1988,p.33). Ver Anexo B, Conferência de Berlim e delegação Portuguesa, p.68

⁷ A denominada “*efectivação da posse*”, traduz-se no facto de qualquer nação ao adquirir novos territórios em África, deveria manter a autoridade suficiente para a manutenção da paz, da liberdade de comércio e dos direitos individuais. (Selvagem, 1931)

⁸ O plano do mapa cor-de-rosa, apresentado em 1881 pela Sociedade de Geografia. (Barata, 2004). Ver Anexo C, África Meridional Portuguesa – Mapa cor de rosa, p.69

⁹ Cecil John Rhodes nasceu a 5 de Julho de 1853, em Bishop’s Stortford, Hertfordshire e faleceu a 26 de Março de 1902, em Muizenberg, perto da Cidade do Cabo. (Marracho, 2008, p.22). Ver Anexo D, Cecil Rhodes, p.70

dois reinos, eis que surge a contenda diplomática com o governo inglês, tendo sido agravado no momento em que Portugal, submete militarmente os Macololos¹⁰ no vale do Chire. (Marracho, 2008)

Diante deste conflito de interesses, Londres confronta o reino português reunindo forças navais em pontos estratégicos na costa africana, tal facto é consumado por lord Salisbury, primeiro-ministro, enviando uma nota a 10 de Janeiro de 1890, na qual se exigia a retirada imediata das forças e autoridades portuguesas das regiões em questão. Sendo assim surge o célebre “*Ultimatum Inglês*”¹¹ de 11 de Janeiro de 1890. Perante esta afronta o governo português decide retirar as suas tropas daqueles territórios, cedendo aos caprichos ingleses. (Martins, 1945)

“A rotura definitiva do mapa cor-de-rosa era o desfazer de um sonho.” (Martins, 1945, p.420)

Com a queda da monarquia em 5 de Outubro de 1910, o país mergulhou numa crise política tanto a nível interno, como a nível internacional. No que respeita ao nível internacional, a questão colonial colidia com a rivalidade Anglo-alemã e a utilização das colónias portuguesas. Estes territórios eram extremamente cobiçados pelo interesse económico e estratégico por estas duas potências e pela França. A Alemanha emerge neste quadro, como um império terrestre com pretensões de expandir o seu espaço colonial. Antes da 1ª Grande Guerra, a Inglaterra e a Alemanha já negociavam entre si a partilha das colónias lusas. (Ferreira, 1992)

A entrada na guerra teve consenso por parte de toda a sociedade portuguesa. Portugal ao lado dos aliados ingleses, detinha uma dupla fiança: garantia contra as pretensões da Alemanha no Sul de Angola e no Norte de Moçambique e ainda a segurança contra as tentações britânicas de utilizar as colónias portuguesas como moeda de troca nas negociações de paz. Assim a sua participação neste conflito iria salvaguardar o direito de participar na Conferência da Paz¹² e de assegurar a sua posição na Sociedade Europeia e Mundial no Pós-Guerra. (Ferreira, 1992)

As ambições territoriais dos Impérios¹³, cujo poder se fundamentava na autocracia¹⁴, no conservadorismo¹⁵ e na submissão das nacionalidades¹⁶, conduziram ao desrespeito

¹⁰ Tribo numerosa do alto do Zambeze

¹¹ Designação pelo qual ficou conhecido a intimação por parte da Coroa Britânica a Portugal.

¹² Conferência organizada em Janeiro de 1919, na cidade de Versalhes, na qual as potências triunfantes da Primeira Grande Guerra, se reuniram para negociar um tratado de paz. O principal objectivo era a criação de uma organização internacional, para assegurar a paz mundial, de modo que uma guerra desta dimensão não voltasse a deflagrar, objectivo não concretizado, como pudemos observar com o inicio da Segunda Guerra Mundial.

¹³ Alemão, Austro-Húngaro e Russo.

para com esses povos, o que conduziu a um clima de antagonismos responsável pela 1ª Guerra Mundial. Se por um lado a França não perdoava a Alemanha a anexação da Alsácia-Lorena, a Rússia, necessitava de uma saída para o Mediterrâneo na Península Balcânica, não perdia oportunidade de se arvorar em protectora dos eslavos oprimidos pela Áustria-Hungria naquela região. (Ferreira, 1992)

Os Balcãs eram, efectivamente, nos primeiros anos do século XX, um autêntico “barril de pólvora”, que o assassinato de Sarajevo¹⁷, a 26 de Junho de 1914, faria detonar. De imediato foram accionados os sistemas de alianças político-militares que opuseram a Tríplice Aliança¹⁸ a Tríplice Entente¹⁹, dando início à 1ª Guerra Mundial. (Ferreira, 1992)

Com o início do conflito, Portugal assume uma posição de “neutralidade enganosa”, porque antes de partir para a Flandres com o CEP²⁰ em 1917, Portugal entra em confronto com os alemães nos territórios ultramarinos de Angola e Moçambique entre 1914 e 1916. (Ferreira, 1992)

A guerra na Europa viria a marcar sem sombra de dúvida o futuro mapa colonial. (Oliveira, 1993)

A 2ª Guerra Mundial não provocou em África alterações territoriais tão significativas como a de 1914-18²¹. No que diz respeito às operações, estas não afectaram muito aquele continente, exceptuando uma pequena faixa a norte, mesmo os contingentes africanos que foram mobilizados pelos aliados não foram muito numerosos. (CECA, 1988)

A Conferência Bandung²², é considerada como o ponto de partida para as transformações societárias ao nível mundial, visto que estendeu a sua ajuda política aos povos africanos mais atrasados no processo de emancipação dos seus colonizadores. A

¹⁴ Exercício do poder político se uma forma pessoal, sem delegação, nem entraves pessoais.

¹⁵ O estado autoritário assentava em três pilares, igreja, burocracia e nobreza.

¹⁶ Além de autocráticos e conservadores os impérios, albergavam no seu seio inúmeros povos aos quais não reconheciam quaisquer direitos.

¹⁷ O assassinato de Sarajevo vitimou o Arquiduque Francisco Fernando e sua esposa, herdeiros do trono da Áustria-Hungria, às mãos de Gavrilo Princip, um nacionalista sérvio da Bósnia-Herzegovina. Ver Anexo E, Assassinato de Sarajevo, p.71

¹⁸ Alemanha, Áustria-Hungria.

¹⁹ França, Rússia e Grã-Bretanha.

²⁰ Corpo Expedicionário Português, foi o contingente militar fundamental de Portugal, enviado em 1917 para França, com o intuito de, conseguir retirar dividendos no final da 1ª Guerra Mundial.

²¹ A França e a Inglaterra aumentaram os seus territórios, muito à custa da derrota alemã.

²² Realizada na Indonésia de 18 de Abril a 24 de Abril de 1955, esta foi convocada por 5 países, Birmânia, Ceilão, União Indiana, Indonésia e Paquistão, tinha como objectivos: “(...) *fomentar a boa vontade e a compreensão entre as nações da Ásia e África, estudar e favorecer os seus interesses mútuos e comuns para estabelecer e promover a amizade e relações de boa vizinhança. Examinar os problemas que interessam especialmente aos povos da Ásia, por exemplo, os problemas que afectam a soberania nacional como racismo e o colonialismo. Apreciar a posição da Ásia e da África e a dos seus povos no mundo contemporâneo bem como a contribuição que eles podem dar ao fortalecimento da paz e cooperação internacional. (...)*” (CECA, 1988,p.48) Ver Anexo F, Conferência de Bandung, p.72

mesma desmistificou a ideologia de que não existem países de terceiro mundo, não dando direitos a uns (colonizadores), nem deveres a outros (colonizados) estabelecendo o anti-colonialismo. (Garcia, 1997)

Segundo Proença de Garcia, a conferência de Bandung tinha como principal objectivo: a tomada de consciência dos povos da Ásia quanto ao seu valor bem como, o reconhecimento da necessidade de uma solidariedade activa com os de África. No final da conferência é reconhecido o compromisso de todos os povos libertados auxiliarem os ainda dependentes a alcançar a sua soberania. O colonialismo foi considerado como um mal ao qual era necessário por término urgentemente, visto que a submissão dos povos à exploração estrangeira constituía uma afronta à Declaração Universal dos Direitos do Homem bem como à Carta da Nações Unidas. (Garcia, 1997)

A conferência, foi mais do que uma revolta moral contra o domínio europeu, foi a tomada de consciência por parte dos povos europeus da dignidade que os de cor detinham, sendo a morte anunciada do complexo de inferioridade. (Garcia, 1997)

Capítulo II

2.1 - As campanhas de pacificação em Moçambique e Angola.

No decorrer do século XIX, Portugal detinha um vasto império colonial, do qual lhe resultavam dificuldades acrescidas em termos militares. A acrescentar a este facto, o *Ultimatum* Inglês não veio favorecer a política da coroa portuguesa perante os seus súbditos, que não viam com bons olhos os destacamentos das tropas portuguesas nas colónias. (Pires, 1997)

No ano de 1894, em Lourenço Marques²³ vivia-se um clima de insegurança e desconfiança entre os habitantes locais, face a rejeição de Gungunhana²⁴ (Imperador dos Vátuas), em prestar vassalagem a Portugal, chegando mesmo a afrontar a autoridade portuguesa, em 14 de Outubro a quando do ataque da mesma cidade, submetendo os seus habitantes a barricarem-se. Portugal ainda não se tinha restabelecido do humilhante tratado inglês, porém acaba por enviar reforços para reprimir os actos de vandalismo sentidos nessa região. (Pires, 1997)

Primariamente, o reino respondeu através de António Ennes²⁵, que enceta uma campanha de ocupação e pacificação de Moçambique, e numa segunda fase pelo comando de Mouzinho de Albuquerque²⁶. (Pires, 1997)

Durante os anos de 1905 e 1906, ocorreram as acções militares em Angola com o intuito de preparar, uma grande expedição com o objectivo de pacificar e ocupar o Ovampo. Nessa região os povos que se mostravam mais conflituosos eram os Cuamatos, foi definido com objectivo prioritário a tomada de posse do Cuamato Grande e Cuamato pequeno. Para além deste objectivo foi estabelecida a construção de um Forte²⁷, com o intuito de garantir a segurança, comunicação e aprovisionamento, face ao inimigo, e a futuras operações. (Regalado, 2004)

²³ Actualmente designada por Maputo.

²⁴ Reinaldo Frederico Gungunhana ou simplesmente Gungunhana, foi o último Imperador do Império de Gaza, um território actualmente em Moçambique, nasceu por volta de 1850 em Gaza e veio a falecer nos Açores a 23 de Dezembro de 1906. Ver Anexo G, Gungunhana, p.73

²⁵ António Ennes, foi um político português do século XIX, tendo-se destacado como Comissário Régio em Moçambique, nasceu em Lisboa a 15 de Agosto de 1848 e faleceu a 6 de Agosto na mesma cidade. Ver Anexo H, António Ennes, p.74

²⁶ Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque, oficial de cavalaria, nasceu a 11 de Novembro de 1855 na Batalha e faleceu a 8 de Janeiro de 1902 em Lisboa. Ficou célebre devido à captura do "Leão de Gaza", na povoação de Chaimite. Desempenhou ainda as funções de Governador do Distrito de Gaza e Governador Geral de Moçambique. Ver Anexo I, Mouzinho de Albuquerque, p.75

²⁷ Forte Roçadas. Ver Anexo J, Forte Roçadas p.76

Será acerca da primeira fase que irei abordar alguns dos combates mais significativos desenvolvidos durante o ano de 1895, que culminaram com a captura do “Leão de Gaza”, e também das campanhas contra os Cuamatos em Angola durante o ano de 1907.

2.2 - As campanhas de Moçambique

2.2.1 – Marracuene

A 13 de Janeiro de 1895, António Ennes, tendo pouco antes tomado posse do governo da Ilha de Moçambique, então capital da colónia, desembarcou em Lourenço Marques, inteirando-se da situação localmente. Ennes ordenou ao Capitão de Engenharia Alfredo Freire de Andrade, que se fizesse um reconhecimento ofensivo a Marracuene²⁸. Este território denominava-se por ser um grande centro populacional, situado num planalto sendo um dos principais pontos de comunicação dos territórios das duas margens do rio Incomati, ficando a cerca de 40 km de Lourenço Marques. O reconhecimento da referida região foi comandado por Caldas Xavier²⁹, e o resultado desta missão foi não ter sido identificada qualquer pressão dos revoltosos, pelo que António Ennes resolveu ocupar militarmente Marracuene. (Pires, 1997)

Para esta ocupação foi formada uma coluna militar, constituída por cerca de 800 homens, que partiram de Lourenço Marques no dia 28 de Janeiro, do ano de 1895, por volta das 5h de segunda-feira. A chegada a Marracuene deu-se por volta das 15h do dia 29 do mesmo mês, no qual a coluna não encontra grande oposição, apenas se encontram alguns rebeldes que tentavam atrasar o avanço das tropas portuguesas, com a finalidade de proporcionar a retirada da maioria dos rebeldes para a margem esquerda do Incomati. (Telo, 2004)

O bivaque é disposto em quadrado no alto da Massinga³⁰. A disposição das forças no quadrado formou-se da seguinte maneira:

A Norte e a Oeste o Batalhão de Caçadores 2 (BC2) ocupa as faces da frente e a esquerda. A Leste o Batalhão de Caçadores da África Oriental 3 (BCAO3) abrange a face direita (volvida para o rio, tendo um declive mais acentuado que se pensava que conferia defesa a esta face). A Sul a Polícia de Lourenço Marques (ocuparia a face da retaguarda do quadrado); (Telo, 2004)

²⁸ Ver anexo K, Combate de Marracuene, p.77

²⁹ Alfredo Augusto Caldas Xavier nasceu a 25 de Setembro de 1852 em Lisboa e veio a falecer a 8 de Janeiro de 1896 em Lourenço Marques. Major da arma de Infantaria, destacou-se nas campanhas de pacificação em Moçambique. Ver anexo L, Caldas Xavier, p.78

³⁰ Uma elevação de perto de 20m, a 400 ou 500 m da curva do rio.

As peças Bronze Estriado de Montanha (BEM) são colocadas nos ângulos ou a meio das faces e as duas metralhadoras Nordenfeldt, montadas sobre carros, são posicionadas na face da frente, onde se detêm um amplo campo de tiro. Neste sentido criou-se um serviço de segurança com 8 postos de sentinelas a 200 ou 250 m do bivaque, com a constituição de 2 praças angolanas em cada posto. (Telo, 2004)

No dia 2 de Fevereiro, o toque de alvorada dá-se às 4h da madrugada, como era normal, visto que este período que antecedia o nascer do sol era o preferido para a realização dos ataques do inimigo. Cerca das 4h 25m, escutam-se alguns disparos na direcção dos postos junto ao rio, surgindo em seguida uns vultos onde é possível distinguir os uniformes do BCAO3, que vão se aproximando gritando: “ (...) *não mata, não mata! É escamarada Angola, é escamarada Angola (...).*” (Telo, 2004, p.40)

O Tenente Ayres d’Ornelas³¹, ordena que não façam fogo pensando que eram as praças angolanas posicionadas nos postos de vigia. Pouco tempo depois, surgem descargas de fogo sobre as faces Norte e Sul do quadrado, que não tardam em responder. O problema surge quando, os “falsos” angolanos, alcançam a face do BCAO3 sem serem atingidos, e atacam o batalhão. O ataque, apanha de surpresa os militares, fazendo-os recuar bastante para o interior do quadrado. Este cenário teria sido catastrófico, se os oficiais portugueses não se tivessem apercebido, do que estava a ocorrer e não se reorganizassem, no sentido de empurrar os revoltosos para o exterior do quadrado. Nas outras faces do quadrado, o BC2 e a polícia mantêm-se firmes e iniciam as descargas para o exterior. (Telo, 2004)

Os angolanos, pressionados pelos oficiais, reconstituem a face desfeita do quadrado. A polícia de Lourenço Marques foi guarnecer o lado abandonado, o instante difícil durou apenas alguns minutos, contudo poderia ter sido um desastre. (René, 2000)

O combate prolonga-se até as 6h da manhã, porém de uma forma organizada, com o quadrado a responder ao inimigo quando este o incita, mas com o clarear do dia a luta termina. No que respeita ao consumo de munições, este não foi muito elevado, apenas foram consumidos 4500 cartuchos de Kropatschek (sendo que 4200 pelo BC 2 e 300 pela força de polícia), o que perfaz uma média de 12 disparos por cada espingarda deste modelo, foram ainda consumidas 36 granadas de peças. (Telo, 2004)

³¹ Capitão Ayres d’Ornelas e Vasconcelos, nasceu a 5 de Março de 1866 na Ilha da Madeira e faleceu a 14 de Dezembro de 1930 em Lisboa. Destacou-se nas campanhas de pacificação, nomeadamente ao nível da tática aplicada nas campanhas. Ver Anexo M, Capitão Ayres d’Ornelas e Vasconcelos, p.79

No que concerne às baixas, as portuguesas contam-se por 3 portugueses e 10 angolanos mortos e respectivamente 6 e 19 feridos³², o que equivale a 5,4 % do total. A maioria destas baixas ocorrera nos postos de vigilância/sentinela. As forças inimigas foram calculadas entre 2000 a 3000 homens³³, este cálculo é baseado apenas nos rastros deixados na vegetação circundante. Os ataques foram executados com o apoio de linhas de atiradores, dispostas ao abrigo de pequenos desníveis do terreno. No que diz respeito as baixas inimigas, estas contavam-se em cerca de 200 cadáveres³⁴, sendo cerca de 10% da força revoltosa. (Telo, 2004)

O combate de Marracuene poderia ter-se revelado uma catástrofe para os portugueses, pois tudo estava contra militares do reino: desconhecimento do terreno, o ataque ter sido efectuado ao coberto da escuridão, zona descampada onde se montou a área de bivaque, vantagem numérica de atacantes face aos cerca de 800 militares nacionais. Para além disto, os Tsongas identificaram o ponto fraco do quadrado e utilizaram a astúcia ao fingirem-se de angolanos pedindo aos portugueses para não dispararem contra eles. Porém os portugueses não demonstraram fragilidade, vencendo este combate face às condições adversas, executando uma formação compacta do exército regular, formação esta que os Tsongas desconheciam. (René, 2000)

Esta batalha foi um marco importante nas campanhas de Moçambique, visto que, levantou o entusiasmo dos habitantes de Lourenço Marques, proporcionando-lhes a segurança que lhes faltava. Revelou-se ainda animadora para os próprios militares portugueses incentivando-os para campanhas futuras, conforme nos retrata António Ennes: (...)”*Pacificado o distrito de Lourenço Marques, cuidar-se-hia de annullar ou apoucar o Gungunhana(...)*” (ENNES, 1898, p.315)

2.2.2 – Magul³⁵

Alcançada a paz em Lourenço Marques, Ennes tinha como objectivo partir para a luta contra o “*Leão de Gaza*”. Para a realização deste objectivo, requeriam-se novas tropas, as quais chegaram a Lourenço Marques, a partir de Abril do mesmo ano. Com estas

³² Os números dos vários relatórios não coincidem. Os mencionados são do relato conjunto de 4 oficiais. Caldas Xavier, no seu “relatório das operações a margem do Incomati” assinado a 9 de Fevereiro, refere 23 mortos (3 portugueses e 20 angolanos) e 28 feridos (9 portugueses e 19 angolanos). Ennes, por seu lado, escreve (p.86) que morreram “mais de 30” angolanos, no quadrado ou nos postos avançados.

³³ O relato semi-oficial da autoria dos três oficiais citado fala em 3000 homens, mas o relatório de caldas Xavier menciona “pouco mais de 2000 homens”.

³⁴ Mais uma vez os números não são claros. Caldas Xavier diz que foram queimados 30 cadáveres que estavam próximos do acampamento, nada mencionando sobre outros corpos, o que não quer dizer que não existissem, pois a preocupação imediata foi a de afastar os cadáveres mais próximos por razões sanitárias. Ennes (p86) diz que havia 8 landins mortos no interior do quadrado e “uns 50” no exterior, calculando-se que o número total de mortes do inimigo devia ser de 200.

³⁵ Ver Anexo N, Combate de Magul, p.80

tropas, Ennes idealizou a formação de duas colunas: uma a norte, que seria a principal e tinha como missão partir de Inhambane na direcção de Manjacaze², aproveitando sempre que possível os cursos de água, enquanto a do sul actuaria a partir de Lourenço Marques. Para se prepararem as colunas de intervenção era necessário ter em conta o factor tempo, e este sucedia-se contra os portugueses visto que, a estação das chuvas viria ao mesmo tempo, que finalização dos preparativos com a coluna, o que iria afectar as operações. (Telo, 2004)

A coluna do sul criou-se através da ordem nº41 do comando geral, no dia 31 de Maio, do ano de 1895. A mesma era composta por diversas unidades de infantaria, cavalaria, artilharia e inclusive de engenharia. Estes dispunham também de elementos dos serviços de saúde e de administração militar, tendo como missão inicial a criação de uma rede de postos que ampliasse a zona controlada para norte de Lourenço Marques, até a curva mais a norte do rio Incomati. Desde a criação da coluna que, foram ocupados vários postos e construídas algumas pontes sobre o rio, pelas unidades que constituíam a mesma. A 23 de Agosto, Ennes encaminha uma mensagem aos diversos postos, na qual referia que as negociações com Gungunhana seriam dissecadas, assim sendo as tropas teriam ordem para perseguir os régulos rebeldes. (Telo, 2004)

A 3 de Setembro, Paiva Couceiro³⁶ decide partir para a captura do Régulo Matibejana, depois de se ter deparado primariamente com Pasman³⁷, ao qual lhe determina um prazo de três dias para a entrega do Régulo, caso contrário os portugueses atacariam. Dois dias depois, as tropas de Paiva Couceiro são reforçadas com 102 praças do Batalhão de Infantaria 2 (BI2) e 3 metralhadoras Nordenfeldt, com as respectivas guarnições. A 7 de Setembro, consumido o prazo atribuído para a entrega de Matibejana, desloca-se do posto de Xinavane uma nova coluna, *“com 275 europeus³⁸ e 32 angolanos, apoiados por 4 metralhadoras Nordenfeldt, puxadas a jumentos, 1 carro, 100 carregadores, 7 cavalos, 8 burros e 4 bois”* (Telo, 2004, p. 60).

A coluna atravessa o Rio Incoluane e prossegue até à planície de Magul, onde acampam em quadrado, ficando acordados por turnos um terço dos homens. O dia começa por volta das 7h30m do dia 8 de Setembro, no qual a coluna retoma a marcha, destacando um grupo de 7 cavaleiros que levavam alguns metros de avanço em relação à mesma, os

³⁶ Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, distinto militar e administrador colonial, evidenciou-se nas campanhas de pacificação de Angola e Moçambique. Nasceu a 30 de Dezembro de 1861 em Lisboa e faleceu a 11 de Fevereiro de 1944 na mesma cidade. Ver Anexo O, Paiva Couceiro, p.81

³⁷ Indígena que detinha alguma confiança junto de Paiva Couceiro.

³⁸ Com 221 praças do BI2, 30 artilheiros para as 4 metralhadoras, 8 praças do EC1, 3 da cavalaria da polícia, 1 de engenharia e 1 de administração, para além de 11 oficiais.

quais detectam mangas armadas, fazendo com que o quadrado retome a sua forma inicial, por volta das 10h30m. O inimigo é detectado pelos cavaleiros a uma distância aproximada de 2km, encontrando-se fora do alcance das armas, visto que a força portuguesa não dispunha de artilharia. O quadrado toma a sua posição padrão, ou seja, cada face dispunha de 3 filas, cada uma com 17 atiradores, perfazendo um total de 51 atiradores por face, sendo as metralhadoras colocadas nos cantos do mesmo. (Telo, 2004)

Ao invés de se iniciar o combate, as mangas inimigas permanecem estacionadas e protegidas pela zona de arvoredo, fazendo com que Freire de Andrade tome a iniciativa do combate, ordenando aos subordinados para avançarem até ao regato, executando uma descarga de fogo para aquela área, com o intuito de incitar o inimigo, para que o mesmo avance contra os portugueses. O subterfúgio atinge os seus fins, levando o inimigo a deslocar-se em volta do quadrado, contudo, este não ataca, continuando a posicionar-se fora do alcance de tiro, com esta actividade circulatória em volta do quadrado, os portugueses conseguiram identificar o número de adversários, cingindo-se este entre 6000 a 9000 Vátuas, um número extremamente elevado comparando-se com os cerca de 300 europeus (perfazendo uma relação de 1 para 20, ou 1 para 30). (Telo, 2004)

Dada a espera, os portugueses, com o objectivo de se protegerem do inimigo, iniciam trabalhos de fortificação do quadrado de modo a impedir um casual ataque. Com o avançar da hora, o batalhão português começara a sentir dificuldades, porque os militares não conseguiam receber mantimentos, nem movimentar-se sem que abandonassem a formação, algo que não era prudente com o inimigo a 1500m, para além disto a elevada temperatura que se fazia sentir, começara a provocar alguns desfalecimentos. (Telo, 2004)

O combate entre as duas facções inicia-se ao começo da tarde, com as mangas a avançarem de “gatas” ocultando-se a coberto dos obstáculos de terreno. Os primeiros sinais de fogo são dados pelas metralhadoras, quando os Vátuas já se encontram na linha de gatilho das mesmas, juntando-se em seguida as descargas das Kropatschek, executando 51 disparos de cada vez. Passado pouco tempo é ordenado “cessar-fogo”, visto que o fumo envolvia o quadrado retirando a visão aos atiradores³⁹. (Telo, 2004)

³⁹ As Kropatschek ainda usavam cartucho de pólvora com fumo. Só as carabinas Mannlicher, recebidas por Portugal em 1896, usariam já a pólvora sem fumo.

Com o decorrer do “cessar-fogo” o inimigo aproxima-se ainda mais do quadrado, dando-se o momento crítico, quando uma metralhadora encrava, segundo Freire de Andrade “ (...) pois alguns pretos chegaram a aproximar-se a 60m da metralhadora encravada (...)”. Contudo, com o aproximar dos inimigos os soldados portugueses foram afinando a pontaria e aumentando a intensidade das descargas. Com o desvanecer do fumo os portugueses apercebem-se de que o inimigo se retirou e que tinham vencido o combate em Magul. (Telo, 2004)

No que diz respeito às baixas portuguesas, estas cifram-se em 5 europeus mortos e cerca de 26 feridos, sendo um deles Paiva Couceiro. As baixas inimigas segundo Freire de Andrade não eram “mais de 300”. (Telo, 2004)

No que respeita ao armamento utilizado pelos Vátuas, Freire de Andrade afirma terem sido utilizadas as Martini Henry, as Snider, bem como alguns mosquetes de pederneira, reconhecidas estas armas por terem sido encontrados no local vestígios de zagalotes, chumbos e balas. (Telo, 2004)

Em suma, este combate tinha tudo para resultar numa vitória para os Tsongas, mas tal não aconteceu, devido a vários factores, tais como:

- A escolha da hora do assalto revelou-se nefasta para os inimigos, pois esta teria sido bem sucedida se atacassem a coluna quando esta estivesse em movimento, em vez de ter sido atacada quando esta estava estacionada numa posição defensiva. (René, 2000)
- O ataque teria sido bem concretizado se os Vátuas têm optado pela manutenção do terreno em vez de se terem lançado à investida, ou então, se optassem por esperar pelo cair da noite, altura esta, em que os portugueses estariam mais vulneráveis (extenuados, sequiosos e famintos) e seria mais fácil iniciar o ataque aproveitando a obscuridade da noite, ou, então, em vez de atacar de noite, executassem o assalto no dia seguinte, agravando a condição humana dos portugueses, obrigando-os a terem de se movimentar, aproveitando essa movimentação para lançar um ataque sobre as tropas portuguesas. (Telo, 2004)
- A não compreensão dos efeitos do armamento moderno dos lusitanos, por parte dos régulos revoltosos, veio-se a revelar nefasta para os Vátuas, apesar de estes efeitos serem já conhecidos do anterior combate em Marracuene, estes voltaram a não ser levados em conta. (Telo, 2004)

Em síntese, Magul revelou-se ser o ponto fulcral no domínio de Gungunhana em toda a região sul do território, após este combate, os régulos apoiantes do Leão de Gaza começaram a procurar o entendimento com os portugueses. (Telo, 2004)

2.2.3 – Coolela

A coluna norte encontrava-se estacionada no Forte de Chicomo desde Julho, aguardando ordens para avançar no terreno, contando com a popularidade adquirida pela vitória da coluna sul em Magul. (Pires, 1997)

O anúncio deste triunfo ergue a moral da coluna do norte, contudo o que esta faz não é mais do que alguns “reconhecimentos em força”. Os resultados da demora fazem-se sentir entre as tropas acampadas em instalações precárias, perfazendo diariamente inúmeras baixas, exemplo disso são as ocorridas no Forte de Chicomo, em que o número de afectados crescia de dia para dia: 120 no dia 6 de Agosto, 150 a 8 do mesmo mês, chegando mesmo a 300 no dia 20 de Outubro⁴⁰. (Telo, 2004)

Devido às baixas portuguesas e com o aparecimento da estação das chuvas, a coluna do norte comandada pelo Coronel Galhardo⁴¹, é posta em marcha sendo esta constituída por cerca de 600 europeus e 400 a 500 auxiliares. Parte apenas a 4 de Novembro rumo a Manjacase⁴². Durante essa marcha para Manjacase, o trajecto escolhido não foi o mais directo, em virtude de o Coronel indicar que a área de bivaque deveria ser longe das povoações, próxima de cursos de água potável e com uma zona de tiro desobstruída. No fim do dia 6 de Novembro, o bivaque é edificado junto às margens da lagoa de Coolela, ficando Manjacase a apenas alguns quilómetros de distância. No dia 7 de Novembro, o toque de alvorada soou cerca das 4h, como era a rotina. Em seguida, o comandante da força portuguesa ordena que se forme coluna e reinicie a marcha. Parte da coluna já estava formada e pronta a avançar, quando se descortinam as mangas de Gungunhana (entre 8 mil a 20 mil guerreiros⁴³, dos quais cerca de 3 mil dispunham de armas de fogo, particularmente Martinis e Sniders), avançando rapidamente contra o quadrado. Os portugueses ao serem surpreendidos por este ataque, voltam a posicionar as peças de artilharia que já tinham sido alojadas nos carros e preparam-se para combate. (Telo, 2004)

⁴⁰ Mergulhão, 1896, pp.175-240

⁴¹ Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, Coronel da arma de Infantaria, nasceu a 26 de Julho de 1845 em Lisboa e faleceu a 8 de Fevereiro de 1908 na mesma cidade. Destacou-se nas operações de pacificação do Sul de Moçambique em 1895. Ver Anexo P, Coronel Eduardo Galhardo, p.82

⁴² Província de Gaza, onde se encontravam alguns dos mais respeitados líderes tribais subordinados ao “Leão de Gaza”.

⁴³ Ayres d’Ornelas fala em 8000 a 10000 inimigos; Mouzinho avalia os atacantes em 12000 a 16000 homens e outras apreciações chegam aos 20000

Os Vátuas executam o seu clássico ataque, investido em massa em 3 frentes ao mesmo tempo (frente, esquerda e retaguarda do quadrado), com mangas compactas, sendo antecipadas por alguns grupos de atiradores. A primeira face do quadrado a ser flagelada é a da frente, que responde ao fogo, sendo copiada pelas restantes. Com o avançar do combate é imposta a disciplina de fogo executando descargas cerradas, decorrido algum tempo é dada a ordem de cessar-fogo para que o fumo se possa dispersar, os Vátuas julgam que foi uma hesitação das tropas portuguesas, investindo ainda com mais ímpeto. O inimigo encontra-se nesta altura a cerca de 30 a 40 m da face portuguesa. As peças de Artilharia fazem grandes estragos nas mangas inimigas e na moral das mesmas. O adversário não consegue aguentar as descargas cerradas do batalhão e, decorridos alguns minutos, iniciam a retirada. (Telo, 2004)

O combate teve a duração aproximadamente de 40 minutos, tendo sido consumidos 6775 cartuchos de espingarda (o que perfaz uma média de 17 tiros por soldado), 45 granadas de Artilharia de montanha e 46 para as peças Gruson. No que respeita as baixas portuguesas, estas foram de 5 mortos e cerca de 24 feridos. Já as baixas inimigas que se encontravam em redor do quadrado eram de 305 cadáveres, contudo o total das baixas do inimigo estavam avaliadas de 600 a 1500 guerreiros. (Telo, 2004)

Em síntese, o combate de Coolela foi uma batalha desigual. Mais uma vez, os rebeldes nada tinham assimilado com as anteriores derrotas em Marracuene e Magul, exemplo disso foi a precipitação inimiga, que em vez de esperar até a coluna estar formada, atacando quando esta se encontrava em movimento, optou por atacar quando ainda estava grande parte do quadrado formado. Outra razão, para o infortúnio dos guerreiros Vátuas foi a não compreensão dos danos, que o armamento superior dos portugueses causaria na sua tática, a disparidade de alcance das espingardas tornou-se decisiva no combate. (Telo, 2004)

Para além deste item, se os indígenas tivessem optado por agir de uma forma diferente das anteriores (Marracuene e Magul), nas quais a tática do ataque em massa não resultou, talvez se tivessem investido numa tática diferente em Coolela, o desfecho poderia ter sido distinto. Para todos os efeitos práticos, na lagoa de Coolela tinha-se destruído a “fonte” do poder Vátua, apesar de Gungunhana estar em fuga para parte desconhecida, estava terminada a campanha. (Telo, 2004)

2.2.4 – Chaimite

Com a derrota em Coolela, a situação de Gungunhana agravara-se, a sua influência dissolvia-se de dia para dia, encontrando-se cada vez mais isolado, exemplo disso, é a

mudança de facção de vários régulos aliando-se aos portugueses. Porém a existência de Gungunhana não permitira nem a ocupação, nem a pacificação do distrito. Ennes partia do seguinte princípio: para Portugal, a vitória não seria total sem a captura do “Leão de Gaza”. Para executar este objectivo, António Ennes nomeia a 10 de Dezembro Mouzinho de Albuquerque governador do distrito de Gaza, o qual detinha um regime especial (estado de rebelião), que concedia vastos poderes ao seu governador. (René, 2000)

Mouzinho pretende constituir uma pequena força de cavaleiros, que surpreenda e capture o régulo em retirada. Contudo, não foi possível angariar os meios necessários para cumprir a missão. No dia 26 de Dezembro, por volta das 5h da madrugada, o novo governador do distrito marcha com uma força constituída por cerca de 50 europeus e pouco mais de 200 auxiliares e 70 carregadores, em direcção à captura de Gungunhana. Este obtém conhecimento do avanço de Mouzinho, tal é evidenciado, a quando da chegada de emissários do régulo junto da embarcação portuguesa, oferecendo alguns presentes com o intuito de ganhar tempo. (Telo, 2004)

No dia seguinte, por volta das três da manhã, Mouzinho ordena o desembarque de 47 soldados europeus enquadrados por auxiliares, recomeçando a progressão rumo à captura do Imperador dos Vátuas. Mais uma vez, chegam enviados do régulo, com mais ofertas (vários dentes de elefante e 560 libras de ouro), dádivas estas de maior valor do que as anteriores, demonstrando o aumento de inquietação do chefe Vátua. A coluna prossegue a um ritmo muito elevado, a exaustão das tropas é evidente decidindo-se bivacar por volta das 13 horas, junto da lagoa de Motacame. Durante essa tarde é entregue nova remessa de “saguates”⁴⁴ (mais marfim, 510 libras de ouro, algumas dezenas bovinos e as 10 mulheres do régulo revoltoso Matibejana) estas oferendas são efectuadas por Godije⁴⁵. (Telo, 2004)

No dia 28 de Dezembro, o toque de alvorada soa por volta das 3h da madrugada e em seguida a batida recomeça. À pequena expedição juntam-se algumas mangas com o intuito de auxiliarem os portugueses, através delas descobre-se o paradeiro de Gungunhana, encontrando-se em Chaimite⁴⁶, com o propósito de realizar cerimónias mágicas no túmulo de Manicusse⁴⁷ invocando protecção divina. Após uma marcha tão extenuante, algumas praças ressentiram-se e desfaleceram, a coluna chega por volta das 6h à povoação. A paliçada ostentava somente uma pequena entrada onde simplesmente

⁴⁴ Dialecto landim, que significa a oferenda de presentes.

⁴⁵ Filho mais velho de Gungunhana.

⁴⁶ Povoação sagrada para os Vátuas, constituída por cerca de 30 palhotas, rodeadas por uma paliçada

⁴⁷ Grande líder tribal, avô de Gungunhana.

podia entrar um homem de cada vez, não sabendo o que se encontrava no interior do reduto. (Telo, 2004)

Neste momento, Mouzinho num rasgo de audácia e temeridade ordena aos auxiliares que cerquem a paliçada, e avança com os europeus de espada desembainhada, pela minúscula porta. Dentro da povoação encontravam-se alguns Vátuas com espingardas, que surpreendidos por tal acto de ousadia ficam imóveis sem saberem o que fazer. Mouzinho exige que Gungunhana se renda, o que vem a acontecer, de seguida o governador do distrito ordena que dois chefes de Gungunhana (que conservavam a fama de serem inimigos da coroa) sejam fuzilados. O régulo receando pela sua vida ofereceu tudo o que possuía (cerca de 1000 libras de ouro, 8 diamantes, vários bovinos e marfim). (Telo, 2004)

O destemido Capitão Mouzinho de Albuquerque, fecha com “chave de ouro” o ciclo de triunfos lusitanos da campanha de 1895 em Moçambique, “erguendo de novo o esplendor de Portugal”, elevando a moral das forças armadas e atestando a ocupação efectiva do sul da colónia. (Telo, 2004)

2.3 - As campanhas de Angola

2.3.1 – Mufilo

No dia 26 de Agosto, ao amanhecer a coluna comandada por Alves Roçadas⁴⁸, inicia a marcha em direcção as cacimbas de Aucongo. Ao penetrar na compacta mata, a coluna forma o dispositivo de marcha⁴⁹, na dianteira prosseguem os sapadores desobstruindo a passagem. A coluna prosseguia a marcha até ao meio dia, momento em que lhe foi ordenado bivacar em formação de quadrado para passar a noite. Procedeu-se de seguida aos trabalhos de protecção e a uma batida executada pelos auxiliares, sem sinal do inimigo, contudo, a segurança nessa noite foi redobrada. A noite passou-se sem sobressalto, e pelas 5h da madrugada, o bivaque é levantado e forma-se o dispositivo de marcha, prosseguindo em direcção a Aucongo. A coluna vai atravessando diversas matas chegando até a chana de chilombe, onde é efectuado mais um reconhecimento, enquanto os sapadores vão executando os trabalhos de desflorestação. Os batedores

⁴⁸ Nasceu a 6 de Abril de 1865 em Vila Real e faleceu a 28 Junho de 1926, foi comandante da expedição de pacificação dos Cuamatos. Com o início da 1ª Guerra Mundial exerceu funções de comandante dos contingentes expedicionários que partiram para Angola, chegou ainda a comandar a 2ª Divisão do CEP.

Ver Anexo Q, General Alves Roçadas, p.83

⁴⁹ Constituído por uma coluna a três fileiras, que é uma evolução das campanhas de Moçambique, nas quais apenas utilizavam 2 fileiras.

regressam com a notícia de que o inimigo encontra-se por perto. A próxima chana onde a coluna pode formar o quadrado é a de Mufilo⁵⁰. (Regalado, 2004)

Por volta das 9h, a frente da coluna invade a chana de Mufilo⁵¹ e começa a formar o dispositivo defensivo, cerca de meia hora depois a coluna ainda não tinha invadido na sua totalidade, quando se instala um violento tiroteio contra a retaguarda esquerda do quadrado, que ainda se encontrava aberto. Fora do quadrado, a proteger os carros, estavam o 1º e o 2º esquadrão de dragões. Logo de seguida, a artilharia⁵² abre fogo sobre o inimigo que flagelava o dispositivo português. A retaguarda do quadrado continuava aberta, devido a um carro com o eixo partido, que encravava a entrada não permitindo a entrada do restante da coluna. Só por volta das 9h e 45m é que o dispositivo se encontrava formado na sua totalidade. Esta demora, traduzira-se em baixas⁵³. (Regalado, 2004)

Com o decorrer da luta, a intensidade da mesma não abrandava, pensando que o combate se iria prolongar pela noite dentro, foi dada a ordem para se iniciar a construção das trincheiras, visto que as únicas protecções naturais nesta chana eram os morros de salalé⁵⁴. O consumo de munições tal como as baixas eram já excessivas, como tal foi dada a ordem de executar uma carga a cavalo sobre o inimigo, que se encontrava na face direita do quadrado. Desta missão foi incumbido o 2º esquadrão de dragões, que abandonaram o quadrado entrando na floresta iniciando desde logo a carga, o ímpeto da referida carga foi tal, que o inimigo abandonou estas posições. Só por volta das 5 horas da tarde, já com a falta de luminosidade o combate de Mufilo culmina. Os portugueses estiveram durante 7 horas e meia sobre o fogo inimigo, debaixo de um sol ardente numa planície desprovida de sombras. Assim, fora alcançada a 1ª vitória sobre os “invencíveis” *Cuamatos*. (Regalado, 2004)

2.4 - Organização das forças

Tanto nas campanhas de Moçambique, como nas campanhas de Angola, as forças portuguesas organizaram o seu dispositivo de forças em colunas militares. Essas colunas eram constituídas normalmente com o recurso de 2 a 3 Batalhões de Infantaria Europeia, um Batalhão de Caçadores nativos, uma Bateria de Artilharia de Montanha, um Pelotão

⁵⁰ Com um comprimento aproximado de 2000m e por uma largura de 1500m, tendo somente capim rasteiro e rodeada por árvores, mato e morros de salalé.

⁵¹ Ver Anexo R, Combate de Mufilo p.84

⁵² Através da Bateria Schneider Canet.

⁵³ Segundo Ferreira Regalado, esta demora fizera 5 soldados feridos.

⁵⁴ É o resultado da escavação de uma espécie de térmita, atrás dos quais tanto os portugueses como o inimigo frequentemente se abrigavam para executarem fogo.

de Cavalaria, um Pelotão de Engenharia, uma secção de Polícia, secção do Serviço de Saúde, trens de combate e os auxiliares nativos recrutados localmente, em alguns casos as colunas podiam ter ainda na sua constituição uma Companhia Expedicionária de Marinha. No entanto, o efectivo destas colunas podia variar consoante o objectivo a atingir, normalmente estas detinham entre 700 a 900 militares na sua constituição. (Telo, 2004)

2.5 - Táticas empregues

2.5.1 - Tática do quadrado⁵⁵ em Moçambique

Segundo Ayres d'Ornelas, os oficiais formados na Escola do Exército⁵⁶ não tinham sido instruídos para as campanhas ultramarinas, onde na referida escola “*nem se falava em campanhas coloniais*”. As táticas portuguesas utilizadas na campanha de Moçambique de 1895 emergiram a partir das inglesas, que foram empregues na guerra Anglo-Zulu⁵⁷ e na campanha do Sudão. Essas táticas assentavam sobre o princípio da segurança, como podemos verificar nas instruções da coluna de Chicomo “*As tropas regulares, quer em marcha, quer em estacionamento, devem estar sempre prontas a receber o inimigo, qualquer que seja a direcção em que ele se apresenta*”. (Telo, 2004, p.29)

Como tal era indispensável, uma tática que aproveitasse o poder de fogo superior detido pelos portugueses, contrariando a vantagem numérica, o superior conhecimento do terreno e a excelente mobilidade do inimigo. Face a estes condicionantes, a melhor formação perfilava-se como sendo a tática do quadrado, esta era a formação clássica da Infantaria Europeia para enfrentar a Cavalaria, ou seja, para defrontar um inimigo com uma superior mobilidade, que podia envolver as forças defensoras e atacar de qualquer lado ou de vários simultaneamente. O quadrado era também a formação mais indicada para contrariar as tradicionais táticas envolventes dos Zulus, com ataques simultâneos pela frente e flancos. (Telo, 2004)

O deslocamento era efectuado em coluna dupla⁵⁸. O comando, engenharia, artilharia, trem de combate e ambulância progrediam com esta ordem no meio das colunas. As carroças marchavam mais atrás, dispendo de guarda própria, podendo ser reforçada pela cavalaria. Na eminência de surgir um ataque, a parte posterior da coluna deveria girar para trás, com o intuito de formar a frente do quadrado; a retaguarda da coluna mais

⁵⁵ Ver Anexo S, Formação de coluna e quadrado, p.85

⁵⁶ Actualmente denominada de Academia Militar.

⁵⁷ Guerra Anglo-Zulu foi um conflito ocorrido em 1879 entre os Ingleses e o povo guerreiro dos Zulus, na actual África do Sul, saindo vencedores os britânicos.

⁵⁸ Com intervalos de 50 a 100m, sendo que uma ia mais destacada que a outra.

atrasada rodava igualmente, de maneira a armar a retaguarda do quadrado, as restantes faces do quadrado já se encontravam formados pelo remanescente das colunas. Mal o quadrado se formava a artilharia e as metralhadoras, que se encontravam entre as duas colunas, eram posicionadas no centro das faces ou nos vértices, de acordo com as necessidades. Estando o quadrado montado a força encontrava-se pronta a receber o inimigo. (Telo, 2004)

O fogo da infantaria no quadrado era sempre executado de forma organizada, à voz de comando iniciavam-se as descargas, nunca a mais de 400m, quando o inimigo abeira-se dos 200m era dada a ordem de calar a baioneta. Cada face do quadrado era constituída por três fileiras, apesar de o normal serem duas. A artilharia normalmente executava fogo aos 600m, contudo podia disparar, em casos especiais, a distâncias mais longas (não excediam mais de 1000m). A parte mais complicada da movimentação era sem dúvida a ofensiva, aliada à progressão com o inimigo nas proximidades. Para essas circunstâncias o conselho era que uma fracção do quadrado (no mínimo um terço) avançava, apoiado pela artilharia e pelo fogo remanescente. Se o objectivo, fosse atacar uma aldeia fortificada, o quadrado era formado próximo da aldeia, e castigava-se pelo fogo a mesma, ordenando depois avançar uma linha de atiradores, com as devidas precauções. (Telo, 2004)

O emprego da cavalaria era diminuto, apenas se restringia ao reconhecimento, era usual existir uma guarda avançada, que seguia cerca 20 a 60m na dianteira da coluna principal e outra guarda da retaguarda. Os piquetes de cavalaria seguiam a cerca de 100 a 200m em redor da coluna; mais distantes (100 a 200m para lá dos cavaleiros) seguiam os grupos de auxiliares. Mal o inimigo fosse descortinado, o alarme soava de imediato, a cavalaria posicionava-se no quadrado e esperava, os auxiliares acercavam-se e prostravam-se no chão do lado de fora do quadrado, e as guardas avançadas e da retaguarda introduziam-se nas faces. Para a formação do quadrado ser eficaz e a própria disposição de marcha, necessitava-se de um terreno relativamente limpo, como em regra existia no sul de Moçambique. (Telo, 2004)

2.5.2 - Tática dos regulados

Tanto a organização militar como as táticas dos vátuas eram induzidas na doutrina Zulu. A unidade base dos regulados era a manga (ou mangua), esta subdividia-se em 3 mabanjes, cada uma com cerca de 400 a 500 guerreiros, o que perfazia cerca de 1200 a 1500 guerreiros por manga. (Pires, 1997)

Tal como a organização militar, as táticas utilizadas pelos régulos eram fundamentadas nas utilizadas pelos Zulus, contudo, não acompanhavam a evolução das armas de fogo. Um dos princípios base da tática empregue pelos vátuas, consistia em entrar em contacto com o adversário e vencê-lo numa luta corpo a corpo, na qual o superior efectivo dos guerreiros tornava-se determinante face às reduzidas tropas europeias. Para tal, pressuponha-se que se aproximassem da força estacionada, usando para isso a formação padrão do ataque, denominada de “cabeça de búfalo”⁵⁹. Esta consistia simplesmente num ataque com três mangas, tentando circundar todo o dispositivo português, ou seja, uma manga formava a “cabeça” e tinha como tarefa fixar o seu inimigo. Em seguida, as duas restantes mangas constituíam os chifres do búfalo e tinha como função um envolvimento ao seu adversário pelos dois flancos, caso existisse uma quarta manga, esta assumia-se como uma força de reserva, reforçando um ponto sensível, explorando o sucesso. Esta tática era óptima, apenas se o inimigo não dispusesse de um armamento superior. (Telo, 2004)

No que concerne ao armamento utilizado pelos guerreiros, também este não difere muito daquele utilizado pelos Zulus, sendo constituído pelo tradicional escudo de pele de boi empedernida e pela azagaia curta (por vezes os guerreiros utilizavam azagaias longas). Já as armas de fogo, estas eram extremamente ambicionadas, quando os guerreiros conseguiam adquirir um número substancial, constituíam pequenos grupos de atiradores, que se dispunham em linhas desiguais. Tanto o tipo, como a quantidade de armas de fogo alternavam, de acordo com os regulados, que dependiam do comércio para a sua aquisição.⁶⁰ (Telo, 2004)

No que respeita ao total das armas de fogo, torna-se problemático precisar o número, sendo que a avaliação portuguesa apontava para cerca de 22%⁶¹ com armas de fogo, percentagem esta que aumentava para cerca de 33% nas mangas Vátuas. Sendo que, cerca de metade destas armas eram espingardas com fecho de pederneira, alteradas ou construídas pelos guerreiros, sendo proveitosas a uma distancia inferior a 100m. O remanescente, eram na sua maioria espingardas estriadas de tiro simples, nomeadamente Martini-Henry e Snider, existindo pontualmente algumas espingardas de repetição (capturadas a pequenos grupos isolados de soldados portugueses). Porém um

⁵⁹ Ver Anexo T, Cabeça de Búfalo, p.86

⁶⁰ Exemplo dessas transacções, foram as 1000 espingardas Martini Henry que Gungunhana recebeu de Cecil Rhodes.

⁶¹ Dos cerca de 5800 guerreiros dos 5 principais regulados, apenas 1300 deveriam possuir armas de fogo.

dos entraves primordiais dos regulados era a logística, ou seja, a obtenção de munições para uma vasta gama de armamento existente⁶². (Telo, 2004)

2.5.3 - Tática portuguesa em Angola

As táticas utilizadas nas campanhas contra os Cuamatos, não divergem muito das utilizadas com êxito em 1895 em Moçambique. Volta a ser utilizado o dispositivo de marcha em coluna a três fileiras e quando combatem utilizam o quadrado. Esta tática era aplicada em confrontos com o inimigo, que embora tivesse armas de fogo, utilizava principalmente o poder de choque, fazendo avançar as *cuas* de guerreiros, sobre as tropas portuguesas, tentando utilizar o factor numérico. É nesta situação que o elemento de fogo atinge a sua preponderância, tentando esquivar-se do choque, que a ocorrer seria fatídico para os portugueses. (Regalado, 2004)

2.5.3.1 - O elemento de fogo

A infantaria executava unicamente o fogo, através das descargas do pelotão⁶³, além das armas ligeiras, juntava-se o fogo das metralhadoras, que era bastante eficaz, devastando os ataques das *cuas* de guerreiros. Por sua vez, a artilharia proponha-se a atingir os aglomerados de inimigos e os locais onde se pressupunha que eles se abrigassem. Para além das bocas-de-fogo, utilizavam as peças Ehrhart de tiro rápido, que aumentava consideravelmente a cadência de tiro. (Regalado, 2004)

2.5.3.2 - O elemento manobra

Independentemente do dispositivo de marcha adoptado, a flexibilidade era um elemento constante, ainda para mais num solo expresso pelo constante revezamento entre grandes clareiras e com densa vegetação. Sendo assim, nos deslocamentos, utilizava-se um dispositivo em coluna a três fileiras, composto por: exploradores, auxiliares, indígenas que formam um círculo no qual se envolvia toda a coluna. Estes distanciavam-se da coluna entre 150 a 500m, sendo ajudados pelos auxiliares a cavalo e por um pelotão de dragões, que se posicionavam na frente da coluna e nos flancos desta. Por sua vez, o “corpo da coluna” era constituído pelo Estado Maior, pelas unidades de infantaria, artilharia, pelos sapadores e pelos trens de combate. Nesta época, a utilização da cavalaria, apenas estava confinado aos reconhecimentos e à perseguição do inimigo, contudo nesta campanha, surge uma inovação, a cavalaria passou a ser empregue

⁶² Embora só alguns dos regulados mais evoluídos conseguiam fabricar a pólvora negra e as esferas de chumbo, estes eram incapazes de conceber um cartucho metálico.

⁶³ Excepto, os melhores atiradores, que tinham ordem para flagelar o inimigo sempre que o avistasse.

atendendo a duas vertentes, projectar fogo (1º esquadrão de dragões) e o choque (2º esquadrão - lanceiros). Esta inovação deteve um papel preponderante nos conflitos coloniais portugueses. (Regalado, 2004)

2.5.3.3 - O elemento de protecção

Além destas novidades, foi nesta campanha que se procedeu pela 1ª vez a diminutos trabalhos de protecção, realizados individualmente. Se o combate se impusesse, procedia-se à edificação dos parapeitos de protecção⁶⁴. Quando o quadrado prosseguia com a marcha, os sacos eram velozmente despejados e as valas cobertas com a terra destas. A utilização destas proto-trincheiras possibilitou que por várias vezes, os portugueses não retorquisses ao fogo inimigo, nomeadamente quando este não era muito intenso, economizando munições, criando aos revoltosos algum cansaço psicológico e, naturalmente, diminutas baixas portuguesas. (Regalado, 2004)

2.5.4 - Tática dos Cuamatos

Até à segunda metade do século XIX, o conhecimento sobre os povos que ocupavam a região além do Cunene era diminuto ou mesmo inexistente, sendo estes de um modo geral designados por Ovambos. Estes eram povos bélicos e de temperamento feroz, dedicavam-se sobretudo à criação de gado e à caça, praticando uma agricultura de subsistência. A estrutura basilar do poder da organização é o *sobado*⁶⁵, que por sua vez é constituído por várias *macundas*⁶⁶. A unidade fundamental para o combate é a *tanga*, constituída por cerca de 100 homens. As *lengas* são constituídas entre 2 a 5 *tangas*, possuindo geralmente cavalos, que os utilizam exclusivamente nos seus reconhecimentos, contudo combatem sempre apeados. (Regalado, 2004)

Estes povos não utilizavam armas de fogo até cerca de 1848, altura em que as adquirem, através de mercadores holandeses, alemães e portugueses. O armamento e as munições eram adquiridas por cada homem. As armas mais sofisticadas, nomeadamente a Mauser, Mannlicher, Winchester e Kropatschek (a maioria delas capturadas na campanha de 1904), eram conferidas aos *lengas* e aos atiradores que demonstravam grande perícia no tiro. As espingardas Martini-Henry e Snider eram distribuídas pelo restante pessoal. Apesar desta riqueza de armamento, apenas cerca de 30% dos

⁶⁴ Esses parapeitos de protecção consistiam no enchimento de sacos de serapilheira (cada soldado dispunha de 4 sacos). Quando era dada a ordem de edificar os parapeitos, a 1ª fileira continuava a fazer fogo sobre o inimigo, a 2ª e 3ª fileiras escavavam um fosso e enchiam os sacos, de seguida as fileiras dispunham-se atrás do parapeito e faziam fogo.

⁶⁵ Uma espécie de Reino, que abrange todas as terras governadas por um dado povo, o seu líder é o *soba*.

⁶⁶ Uma espécie de aldeias, o seu chefe é o *lenga*, é o chefe militar, normalmente é filho ou sobrinho do *soba*.

revoltosos (aproximadamente cerca de 7000 homens) dispunham de armas de fogo. O remanescente dispunha das suas temíveis facas, azagaias, machados, flechas de guerra ou ainda do porrete⁶⁷. (Regalado, 2004)

A sua tática era diferente das táticas empregues pelos revoltosos em Moçambique. Os Cuamatos já utilizavam o terreno a seu favor, exemplo disso é o combate travado na Chana de Mufilo, onde esperaram que os portugueses entrassem na clareira, para os flagelarem da orla da mata, com as armas de fogo. (Regalado, 2004)

2.6 - A Africanização da Guerra

Nas campanhas de pacificação em Moçambique e Angola não se pode já falar num processo de africanização como o que se verificou na década de 60 do século XX. Nesta época a chamada africanização da guerra consistia apenas em recrutar nativos e formar com eles Companhias Indígenas ou Batalhões de Caçadores. Nas campanhas de Moçambique, utilizaram-se nativos de Angola para formar os Batalhões de Caçadores Angolanos que auxiliaram os portugueses a pacificar o território moçambicano. Por sua vez, em Angola utilizou-se Companhias Indígenas com um efectivo de cerca de 200 nativos, exemplo disso foram as 14^a, 15^a, 16^a Companhia Indígena de Angola, além destas Companhias de nativos angolanos, também se efectuou o recrutamento fora de Angola, nomeadamente em Moçambique, onde se formou a 10^a Companhia Indígena de Moçambique (Landins), que foi mobilizada em Lourenço Marques e marchou para Angola para as campanhas de pacificação dos *Cuamatos*. Em ambos os teatros, também se utilizaram os nativos como auxiliares e carregadores dos trens de combate.

2.7 - Equipamento

2.7.1 - Espingarda m/872 Snider

A espingarda m/872 Snider⁶⁸ é basicamente uma modificação da Enfield de 14,6mm, que teve origem durante a guerra civil americana, onde os observadores ingleses tomaram iniciativa de importar as modificações para criar a Snider m/872. Seguindo a sua eterna aliada que modificou a Enfield, a partir de 1871 Portugal converte as espingardas e carabinas Enfield, adicionando-lhe as novas culatras Snider. As armas modificadas são “baptizadas” de espingardas m/872 Snider, além destas, Portugal adquire cerca de 20000 Snider à Inglaterra e 17000 em Liège. (Telo, 2004)

⁶⁷ Um grosso bastão em madeira rija, muitas vezes cravejado de pregos.

⁶⁸ Ver Anexo U, Espingarda m/872 Snider, p.87

Uma das inovações a destacar nesta arma foi o facto de um atirador experiente conseguir executar até 8 disparos por minuto, aumentando para mais do dobro a cadência de tiro⁶⁹. A Snider foi encarada apenas como um remedeio, até ao desenvolvimento de armas com repetição. Até a aquisição da Kropatschek, a arma padrão do exército português na metrópole foi a Snider. Contudo nas colónias, ela era ainda utilizada pelas forças de recrutamento local até ao início da Primeira Guerra Mundial. (Telo, 2004)

2.7.2 - Espingarda Martini

A espingarda Martini⁷⁰ tornou-se célebre nas campanhas inglesas contra os Zulus, sendo uma arma de tiro simples, contudo era uma arma pujante e fiável. Ao contrário de outros exércitos que se pautavam pela ânsia de utilizar armas de repetição, tecnologicamente mais avançadas, a Inglaterra utilizava ainda armas de tiro simples. (Telo, 2004)

Tal e qual como na Snider, Portugal importava os avanços tecnológicos ao nível do armamento da sua aliada Inglesa, quando a Inglaterra decidiu substituir a Snider pela Martini, o nosso país seguiu-lhe novamente os passos. Devido aos pequenos contingentes importados deste armamento, a sua adopção no nosso país não chega a receber uma denominação oficial de arma padrão do exército português, embora fosse usada por algumas unidades a título experimental. No entanto foi utilizada em grande escala nas colónias, tanto por particulares como por governantes, muito devido à sua fama adquirida durante a guerra Anglo-Zulu. (Telo, 2004)

2.7.3 - Revólver m/878 Abadie

Por volta de 1878, o estado-maior identifica a necessidade de equipar os oficiais com uma arma de repetição para sua defesa pessoal. Como tal, uma comissão indica como melhor escolha o revólver m/878 Abadie⁷¹ de origem Belga, o qual é adquirido em Liège. Portugal adquire dois modelos de Abadie, um destinado aos oficiais⁷² e outro as praças⁷³. O Abadie torna-se assim no primeiro revólver padrão dos oficiais do Exército, foi a arma utilizada pelos oficiais até ao início do século XX, altura em que começou a ser revezado pelas pistolas semi-automáticas, no entanto por ser encarado como muito mais fiável e robusto que as pistolas, o revólver ainda foi empregue nas primeiras décadas do século XX. Existem relatos que o Abadie chega a ser utilizado na Índia portuguesa. (Telo, 2004)

⁶⁹ Anteriormente eram apenas 3 disparos que um atirador conseguia executar.

⁷⁰ Ver Anexo V, Espingarda Martini, p.88

⁷¹ Ver Anexo W, Revólver m/878 Abadie e m/886 Abadie, p.89

⁷² Revólver m/878 Abadie, de cano curto (11,3 cm).

⁷³ Revólver m/886 Abadie, de cano longo (14,2 cm), com um peso e uma velocidade inicial superior ao m/878.

2.7.4 - Metralhadora Nordenfeldt

No último quartel do século XIX, o engenheiro Palmcrantz adopta um novo sistema de funcionamento, que assentava na disposição paralela de canos de armas⁷⁴, a alimentação era efectuada por cartuchos introduzidos através da força da gravidade e ao ser accionada uma alavanca era efectuado o disparo, no entanto apenas um cano de cada vez. Consoante a disposição dos canos, a arma conseguia efectuar uma maior dispersão ou concentração do tiro, condição para que o tiro saísse mais ou menos disperso. Já a cadência de tiro variava consoante o número de canos e calibre dos mesmos, variando entre os 300 a 1200 disparos por minuto. (Telo, 2004)

Com o início das campanhas de pacificação, o uso das Nordenfeldt⁷⁵ generalizou-se com a utilização dos calibres utilizados pelas mesmas espingardas que os soldados detinham, facilitando o canal de logística. Assim como noutras aquisições de armamento, Portugal compra pequenos lotes, sendo as primeiras de calibre 11mm tal e qual o das espingardas, mais tarde são adaptadas ao calibre 8mm⁷⁶, com a aquisição das carabinas Mannlicher de calibre 6,5mm voltam a serem efectuadas alterações⁷⁷ nos canos da Nordenfeldt. (Telo, 2004)

2.7.5 - Espingarda de 8mm m/886 Kropatschek

Com a aquisição da espingarda Kropatschek⁷⁸, Portugal insere-se no grupo de exércitos de vanguarda tecnológica, ao adquirir uma arma de repetição utilizando o moderno calibre reduzido, contudo ainda empregava o clássico cartucho de pólvora com fumo, numa época que o cartucho de pólvora sem fumo era utilizado por grande parte dos exércitos mais evoluídos. (Telo, 2004)

Algumas das inovações que a Kropatschek detinha, eram a capacidade de armazenamento de 8 munições num depósito na parte inferior do fuste, além de um sistema de bloqueamento que possibilitava o disparo da arma sem utilizar as munições que se encontravam no referido depósito, preservando-as para uma ocasião em que se necessitava de realizar uma maior cadência de tiro. Além das espingardas, Portugal adquiriu também carabinas Kropatschek, onde os grandes contrastes existiam ao nível do comprimento da arma, que por sua vez influenciava a capacidade de armazenamento de

⁷⁴ O número de canos variava muito, mas sendo sempre superior a 3.

⁷⁵ Ver Anexo X, Metralhadora Nordenfeldt, p.90

⁷⁶ Devido à aquisição da espingarda de 8mm m/886 Kropatschek.

⁷⁷ Estas alterações eram efectuadas ao nível dos canos e do sistema de alimentação vertical, visto que consoante fosse o calibre que a coluna adoptava, bastava aplicar os canos das espingardas utilizadas na coluna e fazer uns ajustes no sistema de alimentação vertical.

⁷⁸ Ver Anexo Y, Espingarda de 8mm m/886 Kropatschek, p.91

munições no fuste que é menor, exemplo disso é a Carabina de artilharia 8mm (k) m/886-891 Kropatschek⁷⁹. (Telo, 2004)

Uma das peças chave do êxito das campanhas de pacificação foi sem sombra de dúvida a inclusão de armas de repetição, numa altura em que as diminutas forças da metrópole se debatiam contra as abundantes forças inimigas, a cadência de tiro destas armas foi um importante factor a pesar na balança da vitória para as forças portuguesas. (Telo, 2004)

2.7.6 - Carabina de cavalaria 6,5 mm m/896 Mannlicher

No ano de 1885, o Império Austro-Húngaro elege uma arma de ferrolho, que pode ser alimentada através de um carregador laminar introduzido no depósito de gaveta. Este método possuía uma grande vantagem face à Kropatschek⁸⁰, além de que o depósito de gaveta central conferia muito mais estabilidade à arma, visto que à medida que se disparava o centro de gravidade da arma não se alterava, algo que não acontecia com a Kropatschek, devido às munições encontrarem-se no depósito tubular no fuste. (Telo, 2004)

Na última década do século XIX, Portugal sente necessidade de comprar novas carabinas emergindo a Mannlicher⁸¹ como uma escolha óbvia, visto esta ser a herdeira da Kropatschek na fábrica da Steyr. Em 1896, o nosso país faz uma aquisição de cerca de 4000 carabinas Mannlicher para a cavalaria. (Telo, 2004)

2.7.7 - Peça de artilharia 75 mm Schneider Canet

No final do século XIX, Portugal decide renovar o armamento utilizado pela artilharia. Como tal, também é nomeada uma comissão para avaliar o que o mercado de armamento oferecia. Desde logo, duas peças de artilharia sobressaem, a francesa Schneider Canet⁸² e a alemã Krupp. A escolha recaiu sobre o modelo francês, por ser considerado o modelo mais completo de todos apresentado a concurso. Portugal angaria assim a peça de artilharia 75 mm Schneider-Canet, que possuía como características principal um sistema de amortecimento do recuo composto por travão hidráulico⁸³. Esta

⁷⁹ Carabina com um comprimento mais reduzido que a espingarda, que por sua vez afecta a capacidade de armazenamento de munições no fuste que passa de 8 para 6 cartuchos, sendo o seu peso menor que a espingarda.

⁸⁰ Na Kropatschek era imprescindível municiar o depósito cartucho a cartucho, o que demorava muito mais tempo.

⁸¹ Ver Anexo Z, Carabina de cavalaria 6,5 mm m/896 Mannlicher, p.92

⁸² Ver Anexo AA, Peça de artilharia 75 mm Schneider-Canet, p.93

⁸³ Com o intuito de amortecer o recuo da peça, facilitando a recolocação da peça na posição de tiro após o disparo.

inovação, possibilitavam o denominado "tiro rápido"⁸⁴, contrastando com a obsoleta artilharia de reparo fixo⁸⁵.

2.8 - Breves conclusões

Em suma, estas campanhas foram muito positivas para os portugueses. Contudo elas poderiam ter-se revelado catastróficas visto que os portugueses, não atendiam a preceitos básicos na preparação destas campanhas, ao nível da doutrina, como já foi referido por Ayres d'Ornelas, não era leccionada qualquer matéria sobre as campanhas coloniais, o que se colocou em prática foi a utilização de táticas empregues com sucesso pelos ingleses na guerra Anglo-Zulu. Existia um perfeito desconhecimento do terreno, onde decorriam as campanhas, outro factor adverso foi o rigoroso clima aliado à falta de preparação ao nível do vestuário e alimentação, como se não bastasse os diminutos cuidados sanitários agravaram a situação no que respeita às baixas lusas.

O inimigo dispunha de uma vantagem numérica muito superior aos portugueses, contudo essa vantagem não foi muito relevante para o estado final das campanhas, visto que o factor armamento foi decisivo para o fecho das revoltas. O principal factor a favor dos portugueses foi o armamento moderno detido pelos mesmos, que permitia efectuar fogo sobre o inimigo muito antes de ele ter a capacidade de nos atingir. Outro factor foi a falta de uma revisão pós a acção que os revoltosos não efectuaram, visto que muitos dos erros poderiam ser evitados e foram sistematicamente cometidos.

Nas campanhas de pacificação de Angola os erros cometidos pelos portugueses em Moçambique, já não foram praticados, devido à prática adquirida nas campanhas prévias de 1904-05. Terminadas essas campanhas foram adquiridos cavalos e armamento com características apropriadas para o teatro de guerra. Ao nível da tática também se notam algumas evoluções, exemplo disso é a criação das proto-trincheiras e do elemento de manobra (apoiado nos tais cavalos) que efectuavam protecção e que permitiam uma perseguição dos inimigos respectivamente.

⁸⁴ Consistia entre 10 a 20 disparos por minuto.

⁸⁵ Apenas permitia um disparo de 10 em 10 minutos.

Capítulo III

3.1 - A 1ª Guerra Mundial em África

Iniciada a 1ª Guerra Mundial e perante a possibilidade de confronto entre os nossos dois maiores territórios ultramarinos, Angola e Moçambique, com as colónias alemãs⁸⁶ de Damaralândia⁸⁷ e do Leste Africano⁸⁸, o Governo decide em Agosto de 1914, reforçar as guarnições daquelas colónias com dois corpos expedicionários. (Moura, 2009)

A expedição que se destinava a Moçambique possuía 1477 homens⁸⁹, chegando a Porto Amélia no dia 1 de Novembro do mesmo ano. Para fazer face aos incidentes sucedidos na madrugada de 23 para 24 de Agosto, ocorridos na fronteira entre Moçambique e o Leste Africano, no posto de Maziúá. Simultaneamente parte para Angola um outro contingente, com cerca de 1525 homens⁹⁰, chegando a 1 de Outubro, esta expedição entraria logo em confronto com os alemães estacionados na Damaralândia, através do incidente de Naulila. (Almeida, 1968)

Estes dois incidentes, incitados pelos alemães das colónias adjacentes marcaram, o início das duas campanhas: a do sul de Angola e do norte de Moçambique, que encetam a entrada do nosso país na 1ª Guerra Mundial, ainda com o estatuto de “país neutro”. (Almeida, 1968)

3.2 - Campanha de Angola

Pouco tempo depois da eclosão do conflito armado na Europa, Portugal ainda país neutro envolve-se numa situação de guerra contra a Alemanha em Angola. A Alemanha possuía a colónia do Sudoeste Africano, tinha ambições de estender a sua presença efectiva ao sul de Angola. Em virtude dessa situação, Lisboa e Berlim não chegam a um acordo, no que respeita ao delineamento da fronteira meridional entre as duas colónias. Contudo, foi estabelecida uma faixa de terreno que seria alvo de estudos pelas duas partes, com o intuito de projectar a fronteira⁹¹. Com o crescente clima de instabilidade que se vivia

⁸⁶ Ver Anexo AB, Fronteiras portuguesas com a Alemanha em África, p.94

⁸⁷ Actual Namíbia

⁸⁸ Actual Tanzânia

⁸⁹ Ordem do Exército nº19 de 1914. Ver Anexo AC, Ordem do Exército nº19, p.95

⁹⁰ Ordem do Exército nº19 de 1914. Ver Anexo AC, Ordem do Exército nº19, p.95

⁹¹ Este “pacto” diplomático, beneficiava claramente os alemães, visto que, eles iam estabelecendo-se no sul de Angola, com o intuito de ocuparem zonas que há muito cobiçadas.

naquele território, Lisboa, ordena que se reforce as guarnições militares em Angola⁹². (Martins, 1934)

3.2.1 - O Incidente de Naulila

No dia 17 de Outubro de 1914, o Dr. Shultze Jéna, governador de Outjo⁹³, desloca-se com uma pequena guarnição militar ocupando, deliberadamente uma parte do território angolano. Ao saberem da afronta, Portugal envia uma força militar ao bivaque alemão com a finalidade de conduzirem os germânicos até ao posto de Naulila onde seriam recebidos pelo Capitão-mor. Chegados a Naulila, dá-se uma escaramuça, entre o governador germânico e os militares portugueses, da qual resulta a morte do governador e dos oficiais que o acompanhavam. Este episódio será o ponto de partida para o combate de Naulila, que se veio a verificar mais tarde, entre as duas facções. (Martins, 1934)

3.2.2 -Ataque Alemão a Naulila

Embora a iniciativa para o ataque tenha partido por parte dos portugueses, não são estes que iniciam o leque de hostilidades, em virtude do atraso da recepção da ordem. Pertenceu aos alemães a abertura do combate, tendo atacado em direcção a Naulila. (Martins, 1934)

Por volta das 4:30 da manhã do dia 18 de Dezembro, uma parte da coluna⁹⁴ alemã, ataca as forças lusas que, apesar de possuírem poucos recursos materiais e não disporem de tempo para organizar defensivamente o exterior do posto, conseguem suster durante quatro horas o violento ataque que as forças germânicas levavam a cabo. Cerca das 9h da manhã, de ambos os lados cessam o fogo. O Tenente-Coronel Alves Roçadas ordena a retirada das tropas portuguesas, para o posto de Dongoêna, em virtude da inferioridade lusa. No entanto, é de salientar que durante a retirada, os alemães não incomodam a manobra executada pelas nossas tropas. As baixas alemãs resultantes deste combate foram 12 mortos e 30 feridos. Contudo segundo Shirley Pereira, as baixas foram muito superiores a estas aqui apresentadas. Do lado português, o número de mortos foi de 69⁹⁵

⁹² O Governo em Lisboa toma as mesmas providências para Moçambique.

⁹³ Distrito fronteiriço da Damaralândia.

⁹⁴ A coluna germânica era constituída por cerca de 40 oficiais, 3 auxiliares, 45 praças europeias a cavalo e cerca de 150 auxiliares negros. Detinham ainda 2 metralhadoras pesadas, 6 peças de artilharia, um posto telegráfico e uma ambulância.

⁹⁵ Sendo 3 oficiais, 66 praças sendo 54 europeias.

militares, no que diz respeito aos feridos o número ascende a 76⁹⁶ militares. (Martins, 1934)

Alcançado o posto, Alves Roçadas, ordena que uma nova linha de resistência se posicione na zona de Cahamas-Gamos. Ao mesmo tempo, a coluna alemã retira também para a Damaralândia, incitando os povos da região, que se eles se revoltassem contra o colonialismo português, os mesmos teriam o apoio alemão. (Martins, 1934)

Em suma, o combate de Naulila, a 18 de Dezembro de 1914, que opôs as forças portuguesas e as forças alemãs teve um resultado inconclusivo⁹⁷, porem a nossa situação política para com a Alemanha não é alterada, continuávamos a declarar o estatuto de neutralidade face à guerra na Europa. No entanto, tínhamos sido por alguns dias adversários em Angola. Após o combate de Naulila, o governo português decide continuar a reforçar o seu contingente na colónia, satisfazendo os pedidos de Alves Roçadas. (Martins, 1934)

3.3 - Campanha de Moçambique

Como em Angola, a proximidade dos alemães em Moçambique, as imposições derivadas da velha aliança com os britânicos, aliada a uma posição de neutralidade colaborante, obrigaram de imediato à constituição de expedições para rumar aquele território. (Oliveira, 1993)

Desde o início de Agosto de 1914, que se evidenciavam sinais de complicações ao longo das fronteiras de Moçambique. A sul, a revolta bóer estava eminente, à qual para a reprimir, a Inglaterra solicita-nos não só espingardas, mas também a autorização para a transição de tropas inglesas pelo território Moçambicano. Perante este cenário, era vital, que logo no começo da guerra, que desde 4 de Agosto já envolvia a nossa poderosa aliada, reforçar com forças militares a grande fronteira do Rio Rovuma⁹⁸, que só dispunha de uma irrisória rede de ocupação administrativa. Assim a 18 de Agosto decreta-se o envio da primeira expedição para Moçambique constituída por cerca de 1477 homens, sendo o cerne do destacamento constituído pelo 3º Batalhão de Infantaria do Regimento de Infantaria nº15, comandados pelo Tenente-Coronel Pedro Massano de Amorim⁹⁹, com

⁹⁶ Sendo 5 oficiais, 71 praças sendo 61 europeias.

⁹⁷ Contudo resulta na retirada da força portuguesa do forte de Naulila.

⁹⁸ Rio Africano, com a 760 km de comprimento, é a fronteira natural entre Moçambique e a Tanzânia.

⁹⁹ General Pedro Massano de Amorim, oriundo da arma de Artilharia, destacou-se como a administrador geral de Angola, Moçambique e Índia Portuguesa. Nasceu a 14 de Janeiro de 1862, em Fronteira, Portalegre, e faleceu a 2 de Junho de 1929 em Nova Goa, na Índia. Ver Anexo AD, General Massano de Amorim, p.96

a missão de guarnecer a fronteira, através postos militares ao longo do Rovuma. (Martins, 1938)

3.3.1 - O ataque alemão ao posto de Maziúá

A edificação dos postos fronteiriços era bastante primitiva, limitando-se apenas a um cercado com parapeito e um fosso em todo o perímetro, dispondo ainda de um pequeno campo de tiro, perfilando-se o posto de Maziúá¹⁰⁰, como sendo um dos mais fracos, devido à distância que se encontrava de Porto Amélia¹⁰¹. O posto encontrava-se apenas guarnecido por um sargento e cerca de meia dúzia de soldados indígenas do corpo da polícia da companhia do Niassa. É com assombro, que os germânicos atacaram Maziúá em 1914, sem razão aparente. O ataque foi executado, a 24 de Agosto, tendo como estado final o massacre dos indígenas que se encontravam a guarnecer do posto. (Martins, 1938)

3.4 - Organização das forças

Nesta época as forças expedicionárias portuguesas destacadas para Angola e Moçambique organizaram-se em destacamentos mistos, “(...) sendo cada um deles constituídos pelas seguintes unidades com efectivo de guerra: um Batalhão de Infantaria, um Esquadrão de Cavalaria, uma Bateria de Artilharia de Montanha, Serviços de Saúde e Administrativos, o destacamento destinado à província de Angola terá mais uma Bateria de Metralhadoras (...)” (O.E. nº19 de 1914) Estes destacamentos mistos da 1ª expedição detinham na sua constituição um efectivo de 1525 e 1477 militares para Angola e Moçambique respectivamente. Contudo, com o decorrer do conflito e face à necessidade de reforçar os postos fronteiriços com os territórios alemães, Portugal mobilizou mais expedições, estas agora eram constituídas por dois Batalhões de Infantaria, um Esquadrão de Cavalaria, duas Baterias de Artilharia de Montanha e duas Baterias de Metralhadoras. (Barata, 2004)

3.4.1 - As forças em confronto

Os combates de 1914 - 1918 encetados em África são diferentes dos travados ao mesmo tempo na Europa. A luta em solo africano, era caracterizada pelo emprego do movimento, tendo vantagem quem tomasse a iniciativa. As forças em questão eram bastante desiguais tanto ao nível do número, quer ao nível da sua qualidade. As tropas da

¹⁰⁰ O posto de Maziúá, era um posto de sentinela isolado junto à fronteira, a meio do leito do Rio Rovuma, que distava cerca de 400km de porto Amélia.

¹⁰¹ Cidade Moçambicana designada actualmente por Pemba.

Schutztruppe eram comandadas pelo General Von Lettow Worbeck¹⁰², e encontravam-se dispostas em companhias, as mesmas dispunham de cerca de 12000 Askaris¹⁰³ e 3000 europeus. Embora inferiores às forças aliadas em número de efectivos, os alemães encontravam-se em vantagem visto que possuíam o conhecimento sobre o terreno e tinham executado os seus treinos no solo africano. O seu “*modos operandi*” para combater as forças aliadas (exaustas e mal treinadas) tinha como base o princípio de uma superior mobilidade e independência, empregavam táticas de guerrilha, utilizando acções de reconhecimento e um emprego massivo das metralhadoras, aliada a um plano que consistia numa desinteressada posse do terreno, com o intuito, de através de uma manobra de acção indirecta, atrair o inimigo, fatigá-lo e consumir o máximo o seu tempo. Ambicionavam conquistar os pontos que lhe conferiam superioridade em relação aos aliados, evitar o combate decisivo, batiam em retirada quando se deparavam em desvantagem. Com a tática descrita, os germânicos tinham como objectivos: obrigar os aliados a um esforço mais elevado para atingirem pequenos objectivos, e ao mesmo tempo, ajudavam à fixação ou à mobilização dos recursos dos aliados, e estes não seriam utilizados no teatro europeu onde o combate se decidia. (Cann, 2002)

No que respeita ao nível tecnológico, os alemães encontravam-se em inferioridade, visto a sua arma individual ser ainda a antiga Mauser de 1877 de pólvora de fumo. Pelo contrário, os aliados encontravam-se mais evoluídos, usufruindo da Mauser de 1904, da primeira esquadrilha expedicionária portuguesa e ainda de camiões FIAT. Contudo, ao longo das etapas em que a guerra se desenvolveu, o nosso país apresentou sucessivamente forças com nítida carência de preparação¹⁰⁴, extremamente desorganizadas e desmoralizadas. As Companhias de nativos dispunham de escassa instrução, já o seu armamento era basicamente constituído pelas arcaicas Snider ainda com o cartucho com invólucros de cartão. (Costa, 1925)

Nas referidas campanhas, o nosso país iria defrontar-se além das forças alemãs com outros três “inimigos” importantes:

¹⁰² Paul Emil Von Lettow Worbeck nasceu em 20 Março de 1870 e faleceu a 9 de Março de 1964, notabilizou-se como grande militar na 1ª Guerra Mundial, no teatro de África, onde foi comandante das tropas germânicas. O mesmo chegou ainda a desempenhar o cargo de deputado no Reichstag. Ver Anexo AF, General Von Lettow Worbeck, p.97

¹⁰³ Nome que se designavam as Companhias compostas por militares nativos.

¹⁰⁴ Tanto ao nível do treino, do fardamento que não era o mais indicado para o clima em questão, do equipamento, passando pela alimentação, e em especial pela assistência sanitária, que era quase inexistente. O General Gomes da Costa, referia que a “(...) a preparação é coisa que não existe em Portugal: tudo se faz por impulsos, bruscamente, segundo as necessidades do momento, e por isso tudo nos sai torto e desafinado; será o que Deus quiser, a experiencia, o saber, a inteligência para nada servem. Resultado: desastre (...)” (Costa, 1925, p.68)

- O clima e as condições higiénicas inconcebíveis, causando muito mais baixas do que as consumadas em combate com os alemães; (Lima, 1933)
- A desordem e ineficiência do Estado que se reflectia na falta preparação dos contingentes expedicionários; (Bessa, 1986)
- Os King's African Rifles¹⁰⁵ Britânicos, que se apresentavam como um autêntico exército de ocupação e incitavam à insurreição dos nativos contra os portugueses. (Bessa, 1986)

3.5- A Africanização da Guerra

Tal como nas campanhas de pacificação do fim do século XIX, Portugal volta também a empregar este conceito durante a 1ª Guerra Mundial, porém, desta vez é apenas de um modo não tão significativo como o que foi empregue anteriormente, onde se constituíam Batalhões e Companhias de tropas Indígenas, neste caso, o emprego dos nativos para o esforço de guerra, ficou evidenciado, com a presença de tropa indígena na guarnição dos postos ao longo da fronteira com as colónias alemães e também como auxiliares e carregadores de viveres para os mesmos postos fronteiriços. (Oliveira, 1993)

3.6- Equipamento

3.6.1 - Espingarda 6,5mm m/904 Mauser – Vergueiro

A espingarda Mauser – Vergueiro¹⁰⁶ é uma modificação da Mauser 1898¹⁰⁷, uma das mais bem sucedidas e difundidas armas de sempre. A Mauser98 foi a arma padrão da Alemanha durante as duas guerras mundiais¹⁰⁸, variados países utilizaram as versões da Mauser durante mais de meio século. (Telo, 2004)

No final do século XIX, o exército português estuda a substituição da Kropatschek. Para tal, é necessário escolher uma munição com um calibre padrão, a eleita é o cartucho 6,5mm. Em 1898 é constituída uma comissão para analisar os melhores modelos no mercado, a escolha recai sobre a alemã Mauser 1898, devido ao carregador que possuía, e também às provas demonstradas na guerra Anglo-Boer, além destas razões, a outra

¹⁰⁵ Também designados por KAR, era uma força colonial britânica, formada em 1902 e desactivada em 1960, detinham várias missões entre as quais segurança interna nas colónias, bem como serviços externos.

¹⁰⁶ A arma possui esta designação por empregar uma culatra concebida pelo oficial português, Alberto José Vergueiro. Ver Anexo AG, Espingarda 6,5mm m/904 Mauser – Vergueiro, p.98

¹⁰⁷ Designada também por Gewehr 98.

¹⁰⁸ Na 2ª Guerra Mundial utilizou o modelo 98k.

opção pela Mauser foi o facto de ela ser mais barata do que as concorrentes. A Mauser adquirida pelo nosso país possuía uma culatra desenvolvida pelo capitão Alberto José Vergueiro¹⁰⁹, com substanciais melhorias em relação à original. Esta nova culatra era inspirada na da Mannlicher, ao fechar esta encontrava-se travada firmemente em três pontos. Em Dezembro de 1903, Portugal rubrica um contracto para a aquisição de 100 000 Mauser-Vergueiro 6,5mm à Deutsche Waffen und Munitions Fabriken. A partir de 1905 a nova arma já se encontra disponível nas unidades, a Mauser-Vergueiro torna-se na arma padrão do exército português durante a 1ª Guerra Mundial nos teatros africanos de Angola e Moçambique, enquanto o CEP em França utilizou a Lee-Enfield. (Telo, 2004)

3.6.2 - Pistola 7,65 mm m/908 Luger

Desde 1878, que a arma padrão dos oficiais portugueses era o revólver m/878 Abadie. Em 1906, com o intuito de substituir o Abadie é designada uma comissão para a encetar essa tarefa. A escolha final recai sobre a Pistola 7,65mm m/908 Luger¹¹⁰, de origem alemã. Segundo Regalado, logo em 1906 a DWM¹¹¹, envia 130 exemplares, com cano longo de 12 cm para efeitos de teste. Todavia só em 1908 é que a encomenda se materializa, sendo adquiridos cerca de 3500 exemplares¹¹². Os últimos lotes de armamento são obtidos até 1912, altura em que não se torna viável a aquisição de mais armamento à Alemanha, visto as relações com Berlim terem sido cortadas em Agosto de 1914. Dois anos depois, Portugal entra na 1ª Guerra Mundial com os aliados. Nesse ano, o exército no nosso país disponha somente de 1980 Luger m/908 nas unidades, prevendo-se que o remanescente se encontrava nos depósitos ou nas colónias. (Telo, 2004)

3.7 - Breves conclusões

Portugal só ingressa no conflito depois da declaração de Guerra consumada pela Alemanha a 9 de Março de 1916. No entanto, este período intermédio é caracterizado por uma longa indefinição diplomática entre a neutralidade e a beligerância, ou seja, mesmo antes da declaração de Guerra e de Portugal intervir activamente no teatro europeu, as operações militares envolvendo os dois países já tinham sido abertas em solo africano,

¹⁰⁹ Tenente-Coronel de Infantaria nasceu a 8 de Dezembro de 1851 em Alfândega da Fé, e faleceu a 5 de Julho de 1908 em Lisboa. Tornou-se célebre pelo desenvolvimento da culatra Vergueiro, adaptada à Mauser. Desempenhou ainda as funções de sub director da Escola Prática de Infantaria e Cavalaria em Mafra e ainda director da carreira de tiro de Pedouços.

¹¹⁰ Ver Anexo AH, Pistola 7,65 mm m/908 Luger, p.99

¹¹¹ Sigla da fábrica alemã Deutsche Waffen und Munitionsfabriken

¹¹² Com o cano de 11,8 cm e com o calibre de 7,65 mm *Parabellum*.

no qual a política alemã não se patenteou pela diplomacia, mas sim pelo confronto nas fronteiras. (Teixeira, 1992)

Em Lisboa, a opinião pública encontrava-se dividida quanto à intervenção portuguesa na guerra na Europa. Todavia, existia uma unanimidade a nível nacional, que era a defesa e a conservação da soberania portuguesa nas colónias, afirmação da “jovem” República Portuguesa perante a senda internacional, e ainda a consolidação da unidade nacional em torno de um ideal, o que fez com que Portugal interviesse na Guerra no continente africano. (Teixeira, 1992)

A campanha de Moçambique durante a 1ª Guerra Mundial não foi um confronto levado a cabo por duas forças militares semelhantes. Pelo contrário, foi um conflito, entre entidades bastante distintas. Do lado luso dispúnhamos de uma força desorganizada e desmoralizada, norteadas por uma doutrina tradicional e desactualizada face à realidade, com um comando inábil e dividido. Por outro lado, os germânicos dispunham de um contingente menor, mas extremamente motivado, que aliava uma forma criativa à forma tradicional de se fazer a guerra, utilizando já alguns dos princípios da guerra de guerrilhas, seguindo uma estratégia completamente oposta da utilizada pelos aliados, para esta inovação muito contribuiu o General Von Lettow Vorbeck. Apesar dos contingentes numerosos que foram enviados para Angola, esta campanha durante a 1ª Guerra Mundial não se revelou um conflito grandioso, dado que verificaram-se apenas algumas escaramuças entre as partes. Estes contingentes tinham como principal objectivo manter a ocupação efectiva dos postos fronteiriços. (Martins, 1938)

Capítulo IV

4.1 - As últimas campanhas de manutenção do Império

Com o cessar da 2ª Guerra Mundial, e com a criação da Organização das Nações Unidas¹¹³ (ONU), as potências coloniais saídas da guerra começaram o lento processo de descolonização, que se inicia primeiro na Ásia, Médio Oriente e, ao longo da década de 60, no continente africano. Os países colonizados realizavam conferências com o intuito de lutar contra o poder colonizador e por sua vez promover a cooperação entre eles. Desta acção saíria o Movimento dos Não Alinhados¹¹⁴. (Bethencourt, 2000)

Portugal continuava “*orgulhosamente sós*” e a “viver à margem” do processo de descolonização iniciado por outras potências. Neste sentido transformou as suas colónias em *Províncias Ultramarinas*, indo ao encontro da Carta das Nações Unidas, que proibia a posse de territórios coloniais, visto que esta alteração era fundamental para que o país pudesse ser aceite na ONU, o que aconteceu no ano de 1955. (Bethencourt, 2000)

Em Dezembro de 1960, a Assembleia-geral da ONU aprovava a Resolução 1514¹¹⁵, sobre o mesmo tema, que Portugal não respeitava. Esgotadas todas as hipóteses de negociação com os líderes dos movimentos nacionalistas africanos, apenas restava a luta armada pela independência. A ONU converteu-se então no porta-voz das exigências dos países do Terceiro Mundo e em calvário para a política portuguesa, especialmente para a sua componente colonial, o número de países acabados de aceder à independência alterava a relação de forças e aumentava a inquietação do regime. No nosso país iniciavam-se os primeiros rumores de um “mal-estar” no que respeita à mobilização social para as colónias, vários acontecimentos foram surgindo, denunciando esse contexto: no ano de 60, dez dirigentes comunistas evadem-se da cadeia do Forte de Peniche; em Abril e Maio, há lutas e greves em vários sectores; em Junho, em Mueda, Moçambique, centenas de pessoas protestam contra os baixos salários e várias dezenas são massacradas; em Dezembro, o drama repete-se em Angola, na Baixa do Cassange. Nesse mesmo mês, dirigentes dos movimentos independentistas exigem, numa conferência de imprensa em Londres, o início das negociações com vista à

¹¹³ Criada a 24 de Outubro de 1945, em São Francisco com o objectivo de manter a paz internacional e promover a cooperação internacional na solução dos problemas económicos, sociais e humanitários.

¹¹⁴ Associação livre de países que, durante a guerra fria, não tinham nenhum compromisso formal com qualquer dos dois poderosos blocos antagónicos dirigidos pelos Estados Unidos e pela União Soviética.

¹¹⁵ “ (...) A sujeição dos povos a uma subjugação, a uma dominação e a uma exploração estrangeira constitui uma negação dos direitos fundamentais do homem, contrários à Carta das Nações Unidas e comprometedores da causa da paz e da cooperação mundiais. (...) ” (Resolução 1514 da ONU)

descolonização. Em Coimbra, estudantes boicotam as salas de cinema, contra o aumento dos bilhetes; no Porto, são os estudantes de Medicina a entrar em greve. (Bethencourt, 2000)

O ano de 1961, revelar-se-ia um ano fatídico para o regime no que respeita ao Império Colonial. Logo em Janeiro, o desvio do paquete Santa Maria, por um comando chefiado por Henrique Galvão, projecta para o mundo a imagem da oposição, mas é de Luanda que chegam os primeiros sinais de mudança: a 4 de Fevereiro, o assalto à cadeia de São Paulo, mais tarde reclamado pelo MPLA¹¹⁶ põe em causa a estabilidade do regime. A 15 de Março inicia-se uma rebelião dirigida pela UPA¹¹⁷, no Norte de Angola, contra os colonos portugueses e algumas populações negras, causando centenas de vítimas, reforçando a ideia de que o fim do colonialismo português estava próximo. Contudo, esta violência dos ataques da UPA, permite ao regime uma ofensiva de propaganda: reunidas em livro sob o título "Genocídio contra Portugal", fotografias dos corpos das vítimas barbaramente mutiladas, possibilita ao Governo angariar simpatias que o 4 de Fevereiro não lhe concedeu. A chacina merece de Salazar a resposta: (Bethencourt, 2000)

"Para Angola rapidamente e em força."

4.2 - Organização das forças

No que diz respeito à organização das forças o exército Português nos teatros de operações de Angola, Guiné e Moçambique teve de adaptar-se às características da guerra de guerrilhas, que se desenvolvia naquelas áreas, com o inimigo espalhado no seio da população, e não frente a frente, como ocorria na guerra convencional, e cujo objectivo era a conquista de populações e não a posse certa do terreno. Emergiu assim, a necessidade de deter um conjunto de forças espalhadas por todo o território, com o intuito de promover a proximidade com os habitantes – forças de quadrícula¹¹⁸. Foi num dispositivo deste tipo, com as unidades a ocupar determinadas zonas, que assentou a organização das forças do exército português. (Afonso e Gomes, 2000)

Para por em prática este conceito de organização, os territórios foram, de uma forma geral, demarcados em sectores¹¹⁹, dispendo estes órgãos de comando, de unidades

¹¹⁶ Movimento Popular de Libertação de Angola, de luta pela independência do país e de inspiração comunista.

¹¹⁷ Movimento político designado por União dos Povos de Angola

¹¹⁸ Também designadas por forças de ocupação.

¹¹⁹ " (...) Um sector de uma unidade é definido por um limite continuo e não dois limites laterais, visto tratar-se de uma ocupação em superfície e não de frente. (...) " (E.M.E, 1963, p.8) Ver Anexo AI, Agrupamento de 4 Batalhões em Quadrícula e Articulação das forças de Quadrícula, p.100

operacionais e de unidades de apoio – artilharia, engenharia, transmissões, serviços. (Afonso e Gomes, 2000)

A função de segurança da base era composta por no mínimo um quarto de efectivos, a outra parte realizava tarefas de apoio que garantiam a sobrevivência, reabastecimentos, transporte e manutenção, pelo que sobrava um efectivo diminuto disponível para manter o contacto com as populações ou para acções de combate. Normalmente uma Companhia de Caçadores em quadrícula dificilmente podia libertar diariamente mais do que um grupo de combate (30 homens) para operações, não dispo de meios suficientes para conduzir eficazmente a luta contra forças de guerrilha com alguma envergadura, nomeadamente quando era necessário realizar golpes de mão bases da guerrilha a grandes distancias dos aquartelamentos. (Afonso e Gomes, 2000)

Essa carência era notória, e desde o começo do conflito, que era considerado necessário empregar um outro conjunto de forças para levar a efeito acções ofensivas, estas forças desfrutavam de estar libertas do ónus de garantir a segurança do sector para estarem apenas concentradas na sua missão. Para fazer face a esta carência foram criadas as forças de intervenção. Estas forças constituíam-se como uma reserva à ordem do comandante a quem eram atribuídas, “no papel”, teria sido conveniente que cada unidade de quadrícula dispusesse de uma unidade deste tipo, uma Companhia por Batalhão, e um Pelotão por Companhia¹²⁰. Contudo, por diversos motivos, tal nunca foi possível, tendo sido a solução encontrada pelas tropas portuguesas, a de conferir esta função quase exclusivamente a forças especiais – Comandos, Pára-quedistas e Fuzileiros. (Afonso e Gomes, 2000)

Estas forças foram de inicio empregues unidade a unidade, Companhia a Companhia, mas com o evoluir da guerra e dependendo da operação em causa, passaram a ser utilizadas em escalões mais elevados – Batalhões de Pára-quedistas e de Comandos – chegando mesmo a constituir grandes unidades, com dois ou mais Batalhões para alcançar determinado objectivo, exemplo disso foram as Operações Tridente, Nó Gordio e Ametista Real, além destes Batalhões as forças também eram reforçadas com o apoio de artilharia, aviação ou de meios navais. (Afonso e Gomes, 2000)

Embora para algumas operações de maior vulto, o efectivo por vezes é da ordem de Batalhão, a Companhia de Caçadores é que foi considerada a unidade básica da guerra, dispunha de cerca de 170 homens organizados em quatro grupos de combate. Esta era

¹²⁰ Ver Anexo AI, Agrupamento de 4 Batalhões em Quadrícula e Articulação das forças de Quadrícula, p.100

uma unidade que detinha de uma capacidade para viver, deslocar-se e combater com grande independência. (Afonso e Gomes, 2000)

Os movimentos de libertação tiveram, por seu lado, uma organização muito diferenciada entre si, entre cada um dos teatros de operações e ao longo da guerra. De modo geral, pode dizer-se que o grupo de guerrilha dispunha de uma unidade-base tendo esta um efectivo compreendido entre os 10 e os 40 elementos. Todavia, na Guiné e em Moçambique, o PAIGC ¹²¹ e a Frelimo ¹²² constituíram unidades equiparadas aos Batalhões das forças portuguesas, sendo o seu efectivo da ordem dos 600 elementos, tinham ainda estados-maiores complexos com secções de apoio logístico, órgãos especializados de informação, de controlo ideológico (comissários políticos), de propaganda e de administração. (Afonso e Gomes, 2000)

4.3 - Missões

Neste conflito para fazer face à guerra de guerrilha, adoptou-se duas grandes tipologias de missões: as *missões de segurança de sector* e *missões de limpeza de sector*. A finalidade a atingir é:

Asseverar a defesa das principais instalações e povoações, bem como das vias de comunicação primordiais – *missão de segurança do seu sector* (E.M.E, 1963)

Aniquilar, capturar ou expulsar a plenitude dos grupos rebeldes e dos seus partidários e “(...) *destruir todas as suas instalações e meios de combate e de vida(...)*” – *missão de limpeza do seu sector* (E.M.E, 1963,p.9)

As missões de segurança de sector não são decisivas, podem mesmo levar as forças militares a uma situação de inferioridade, visto que, cingindo a sua acção à defesa imóvel de certos pontos, isto irá possibilitar o inimigo a conservar toda a sua iniciativa e centralizar os meios para onde e quando mais lhe convier. Só se legitima estas missões, pela carência de efectivos suficientes para efectuar as outras. (E.M.E, 1963)

As missões de limpeza de sector são as únicas que podem acarretar resultados decisivos, porém exigem, como é evidente, abundantes efectivos de tropas bem treinadas. (E.M.E, 1963)

Porém estes dois tipos de missões não foram os únicos postos em prática pelas forças lusas, exemplo disso foram as *missões de controle do seu sector*.

¹²¹ Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde

¹²² Frente de Libertação de Moçambique

Combater o mais possível o inimigo, através de acções ofensivas limitadas, com o intuito de lhe oferecer uma atmosfera de insegurança, obstruindo-lhes os movimentos, a convivência com a população e a destruir-lhe as instalações, obrigando-o assim a dispersar os seus meios e a diminuir a sua actividade – *missão de controle do seu sector* (E.M.E, 1963)

A *missão de controle de sector*, se for auxiliada através de uma acção psicológica eficaz e de outras acções sociais, políticas sobre a população, permitirá atingir resultados mais consistentes, em virtude de manifestar-se num controle territorial efectivo. Todavia, não possibilita ainda a obtenção de uma decisão na totalidade de um território subvertido. (E.M.E, 1963)

4.4 - Tática portuguesa

As unidades básicas da infantaria utilizadas em operações contra as guerrilhas ou bandos armados das colónias africanas, denominavam-se como Companhia de Caçadores¹²³ e Batalhão de Caçadores. No entanto, também foram utilizadas outras tais como: pelotões de morteiros e de canhões sem recuo, estes eram organicamente independentes, mas a nível tático encontravam-se integrados nos Batalhões ou em unidades de escalão superior. (E.M.E, 1963)

A Companhia de Caçadores era constituída pelo comando da mesma e ainda por 3 Pelotões de Caçadores e 1 de Acompanhamento, porém esta só se integrava nestes modos durante as operações de maior vulto, contudo estas operações não são as mais usuais neste teatro de guerra. Esta ainda poderia ser fortificada com elementos de morteiros, de canhões sem recuo, de carros de reconhecimento e de engenharia, bem como uma fracção de outra Companhia. (E.M.E, 1963)

Os Pelotões podiam ser reforçados com elementos de outro, exemplo disso era o Pelotão de Acompanhamento, que podia ser repartido no seu todo, ou em parte pelos outros Pelotões de Caçadores. (E.M.E, 1963)

O Batalhão de Caçadores tem como constituição o comando do Batalhão, a Companhia de Comando e Serviços (CCS) e um número oscilante de Companhias de Caçadores. Porém, pode ser ainda guarnecido com elementos de qualquer arma ou serviço. Todavia, apesar desta constituição, a sua articulação para o combate deve ser como a da companhia, extremamente flexível. (E.M.E, 1963)

¹²³ As diferenças para com a Companhia de atiradores normal, eram ao nível do equipamento mais aligeirado e na sua tática que assentava numa organização mais flexível para atingir o mesmo fim.

Como é natural numa guerra subversiva o dispositivo das forças militares utilizado não seria o mesmo que o utilizado numa guerra convencional. (E.M.E, 1963)

De resto:

- Neste tipo de guerra, os dois adversários encontram-se misturados ou justapostos e não frente a frente. (E.M.E, 1963)
- O problema fundamental é o da conquista da população, cujo apoio é indispensável para ambas as facções. (E.M.E, 1963)

É notório que a área de território a pacificar deve ser guarnecida e nela deve-se manter um contacto próximo com a população. Depois de escolhida a zona a ocupar, a preocupação inicial deverá ser o restabelecimento da ordem e a defesa das povoações de maior destaque, das instalações económicas, das vias de comunicação com o intuito de assegurar a população, os bens e o funcionamento de rotina dos serviços fundamentais das autoridades. (E.M.E, 1963)

4.4.1 - Forças de Quadrícula

Face a estes factores, emerge a necessidade de constituir um grupo de forças militares espalhadas (forças de quadrícula) ao longo do território com o objectivo de guarnecer o mesmo e assegurar o contacto com as populações locais. (E.M.E, 1963)

Consoante a importância do local a guarnecer assim será o número de efectivos de cada unidade nesse local, podendo variar desde o escalão de secção, Pelotão, Companhia, etc. Contudo a unidade básica continua a ser a Companhia de Caçadores (ou no caso da cavalaria o Esquadrão de reconhecimento ERec), podendo optar por conservar todos os elementos agregados ou simplesmente colocá-los em diversos pontos do seu sector. O território é assim segmentado em sectores de Companhia (ou Esquadrão), ficando os comandos e as unidades de artilharia, engenharia, transmissões e serviços colocando-se nesses sectores, visto que não possuem sectores próprios, cingindo-se, a assegurar a protecção das localidades onde bivacassem¹²⁴. (E.M.E, 1963)

As Companhias de quadrícula, encontram-se inseridas nos Batalhões e estes por sua vez em Agrupamentos¹²⁵. Consoante estes escalões de comando, é atribuído um sector que integra os sectores das unidades subordinadas. Os Batalhões e Agrupamentos não

¹²⁴ No entanto, em determinadas áreas nas quais a presença das forças militares for satisfatória para garantir a ordem aos referidos comandos e unidades, a estes poderão ser dados sectores.

¹²⁵ Denomina-se por agrupamento um conjunto de forças tendo por base 2 ou mais batalhões de caçadores, podendo possuir ou não, elementos de outras armas ou serviços.

podem ser encarados como sendo unidades com uma composição rígida, ternária ou outra. Antes pelo contrário, consoante fosse a parcela de território a guarnecer e a probabilidade de ataque do inimigo, também os efectivos nessas unidades seriam estabelecidos segundo esses factores, constituindo assim um número variável nas mesmas. Embora a sua missão seja particularmente defensiva, as unidades de quadrícula não podem ser imóveis, mas sim o inverso, manter a iniciativa, a liberdade de acção e o espírito ofensivo tem de ser uma constante. Apesar disso, deve-se manter em quaisquer circunstâncias uma reserva de elementos, a guarnecer e atestar permanentemente a defesa dos locais que lhe servem de sede¹²⁶. Já os restantes elementos têm por missão efectuar patrulhas, escoltar colunas militares que se movimentem por percursos instáveis no que concerne à segurança. No entanto, deve ser mantida uma fracção em reserva, com o intuito de poder socorrer rapidamente a unidade em caso de ataque. (E.M.E, 1963)

Sendo assim, por mais pequena que fosse uma unidade, esta deve-se estabelecer como um ponto de irradiação constante de forças móveis, estas forças devem, flagelar o inimigo e manter um contacto incessante com a população na totalidade do território. No entanto, para sustentar uma quadrícula razoavelmente consistente num território de grande dimensão, é necessário abastecer-la com grandes contingentes de efectivos, o que raramente é possível. Logo, a cada unidade, deverá ser atribuído um sector com dimensões elevadas, ficando a defesa de algumas povoações, instalações com menor importância e o contacto com a população conferido a elementos móveis, em permanente actividade e não a guarnições fixas. (E.M.E, 1963)

Ou seja, uma Companhia de Caçadores de quadrícula (a quatro Pelotões), a título de exemplo, pode dispor num determinado instante de quatro Agrupamentos sob o comando de subalterno: (E.M.E, 1963)

- o 1º garante a defesa do local que serve de sede à unidade; (E.M.E, 1963)
- o 2º encontra-se constantemente destacado na defesa de um ponto secundário; (E.M.E, 1963)
- o 3º empenha-se temporariamente numa pequena acção ofensiva (ex: patrulha, emboscada) (E.M.E, 1963)
- o 4º encontra-se em reserva, pronto a ocorrer a qualquer ponto; (E.M.E, 1963)

¹²⁶ As designadas “guarnições de segurança”

Apesar das missões desenvolvidas, as unidades de quadrícula não eram satisfatórias para executar eficazmente a contenda contra os grupos armados e as guerrilhas. Embora, o carácter ofensivo que estas empregam, elas não conseguem garantir, em todo o território, uma busca sistemática dos elementos rebeldes bem como a destruição das suas zonas de refúgio, nomeadamente nas regiões onde, se verifica uma diminuta densidade dos aglomerados populacionais e das vias de comunicação, e a quadrícula seja mais circunscrita ou até mesmo inexistente. (E.M.E, 1963)

“(...) As unidades de quadrícula detêm como funções nos respectivos sectores:

- *Assegurar a defesa de determinados pontos sensíveis;*
- *Garantir a possibilidade de utilização de determinadas vias de comunicação;*
- *Pesquisar constantemente notícias sobre o inimigo e obter elementos que permitam identificar cada vez melhor o terreno e a população;*
- *Manter um contacto constante com a população exercendo sobre ela uma acção psicossocial e, quando necessário, estabelecer medidas de controlo dessa população;*
- *Exercer sobre os rebeldes, em conformidade com directrizes superiores, uma acção psicologia;*
- *Hostilizar o inimigo, na medida em que os meios disponíveis o permitirem; (...)”* (E.M.E, 1963, p.20 e 21)

4.4.2 - Forças de Intervenção

Assegurado o controle territorial, devem-se executar operações ofensivas sobre os grupos rebeldes, prevenindo que os mesmos se concentrem em número razoável e causem contratempos que de maneira nenhuma devem ser concedidos, especialmente pela influência nefasta que estes problemas teriam sobre a população. É notório que se impõe de um outro conjunto de forças, com o intuito de levar a cabo uma insistente actuação, assim são criadas as forças de intervenção¹²⁷. Estas acções ofensivas, quando bem executadas, têm o intuito de submeter as guerrilhas aos seus actos, baixando-lhes a moral, destruindo-lhes as suas estruturas de comando, a ligação e abastecimento, com o objectivo de enfraquecer o apoio aos rebeldes, e por sua vez aumentar o apoio que a mesma população passa a dedicar às forças portuguesas, passando a não confiar nas primeiras, destruindo a sua imagem e de descredibilizando-os perante as populações locais. (E.M.E, 1963)

As diferenças entre as unidades de quadrícula e as de intervenção não correspondem, como é evidente, à existência de dois escalões de forças diferentes. Ou seja, todas as unidades encontram-se integradas num único conjunto de forças, ordenadas nos sucessivos comandos (Companhias, Batalhões e Agrupamentos) e ao nível de cada um

¹²⁷ Conhecidas também como forças de reserva.

destes escalões de comando existe, subunidades de quadrícula e subunidades de intervenção. Seria melhor que todos os escalões conservassem de elementos de intervenção em reserva, por exemplo: 1 Pel por Companhia (ou Esquadrão) a guarnecer o sector, 1 Companhia por Batalhão, 1 Batalhão por Agrupamento, etc. Porém esta articulação de cada um dos escalões de comando, em subunidades de quadrícula e de intervenção, não pode ser considerada como inflexível, visto que em caso de necessidade, qualquer destes comandos poderá: (E.M.E, 1963)

- Agrupar as subunidades que dispõem em reserva, utilizando o remanescente das subunidades com funções de quadrícula, com o intuito de formar provisoriamente um agrupamento de intervenção mais forte; (E.M.E, 1963)
- Ou adquirir como reforço, para o mesmo efeito unidades de escalão superior. (E.M.E, 1963)

Devido a estes factores, cada comando deve possuir elementos necessários para que em caso de ataque, seja destacado um posto de comando com a capacidade de garantir o comando operacional de uma força de intervenção empenhada quando este for constituído por mais uma subunidade, e continuar a assegurar o controlo das outras subunidades que se mantenham nas suas funções de quadrículas. Cada comando tem de dispor, de meios¹²⁸ que lhe permita fornecer aos Agrupamentos de intervenção, os elementos de apoio que lhe seja indispensáveis para cumprir as suas missões, contudo, para guarnecer todo o território, vai conduzir a uma grande dispersão das unidades. Face a esta divisão (juntamente com a clandestinidade do inimigo de tal forma disperso e, na maioria das vezes, dissolvido na população, sendo mesmo auxiliado por parte desta) têm como consequência a necessidade de efectuar uma segurança permanente por parte das referidas forças. (E.M.E, 1963)

Esta segurança verifica-se em todos os momentos (no repouso, nos deslocamentos e no combate), em todos os lugares (nas localidades ou no campo) e em todas as unidades (de combate próximo, de apoio de combate, de comando e de serviços). Sendo obtida não só pelas medidas de segurança imediata¹²⁹, como pelo dispositivo¹³⁰, pelo sigilo das operações a efectuar. (E.M.E, 1963)

¹²⁸ Armas pesadas, Artilharia, Cavalaria, Engenharia e Apoio de Serviços, adequado ao escalão.

¹²⁹ Evidenciada através de guardas, defesas acessórias, piquetes, elementos de exploração.

¹³⁰ Que detinham reservas prontas a acorrer em auxílio de quaisquer elementos atacados.

“(...) As unidades de intervenção têm como missões:

- *Socorrer, quando necessário, outras unidades, povoações e instalações importantes, militares ou civis, atacadas pelo inimigo;*
- *Procurar sistematicamente o inimigo e hostiliza-lo o mais possível, por toda a parte e em especial nas regiões onde a quadrícula seja reduzida ou inexistente;*
- *Executar operações ofensivas contra elementos rebeldes referenciados, para os expulsar, aprisionar ou aniquilar, e contra as suas instalações, para as destruir; (...)*” (E.M.E, 1963, p.27)

4.5 - Africanização da Guerra

Tal como os seus congéneres europeus, Portugal também formou e armou elementos das populações locais, constituindo unidades inseridas consoante o grau, nas suas forças armadas, para lutar nas suas fileiras de acordo com os interesses da nação. As forças armadas portuguesas utilizaram a africanização da guerra, com o intuito de atingir determinados objectivos políticos e militares, sendo a africanização das baixas uns dos objectivos mas não o principal. (Afonso e Gomes, 2000)

Com esta política, pretendeu-se o envolvimento efectivo das populações nativas na guerra com o intuito de criar fissuras e conflitos nos movimentos de libertação e por sua vez dificultar o recrutamento e alargamento das bases de apoio do inimigo. Com este objectivo dedicou aos nativos que estavam ao seu serviço uma enérgica acção psicológica, fornecendo-lhes melhores condições de vida e ostentando-os como modelo a seguir pelos restantes. Em contrapartida utilizou-os para engrandecer o número de combatentes, beneficiando da experiência que os mesmos detinham sobre o terreno e por sua vez da adaptação ao meio onde se encontravam inseridos. Constituindo com eles unidades especiais, sujeitando-os a maiores riscos, sacrifícios e aproveitando-os como fonte de informações. (Afonso e Gomes, 2000)

A africanização da guerra possibilitou unidades mais económicas e mais eficazes do que as da metrópole, estas novas unidades compensaram a carência de efectivos que era exigida no perdurar da guerra e que a demografia do país já não conseguia suportar. (Afonso e Gomes, 2000)

As unidades nativas inserem-se na manobra política e militar que os comandantes de cada teatro seguem. É neste contexto que se verificam as divergências da sua aplicação.

Na Guiné, com Spínola¹³¹, foi fomentada a agregação das forças armadas e dotadas de unidades de comando. Em Angola, a sua utilização foi repartida em diversas organizações dependentes de organismos distintos, na sua constituição integravam elementos de origens distintas, eram recrutados antigos guerrilheiros, refugiados zambianos e catangueses¹³². No teatro de Moçambique, estas forças africanas foram constituídas como unidades do tipo convencional e utilizadas em missões clássicas de contra-guerrilha. (Afonso e Gomes, 2000)

Esta africanização dos efectivos aproveitou-se de três tipos de forças:

- Às unidades de recrutamento da província, que faziam parte do dispositivo militar implantado em cada território;
- As milícias, que se podem denominar por tropas auxiliares, ou de segunda linha;
- E outros elementos que continham ex-guerrilheiros e refugiados estrangeiros;

As primeiras forças deram origem, às unidades de Comandos recrutadas e instruídas em cada um dos teatros, também aos Fuzileiros formados na Guiné, às unidades a cavalo constituídas no Leste de Angola e até os Grupos Especiais de Pára-quedistas (GEP) criados em Moçambique. (Afonso e Gomes, 2000)

No final de 1964 na Guiné, são constituídas as primeiras forças paramilitares, sendo designadas por milícias¹³³, e evoluíram, nomeadamente a partir de 1968, muito pela acção do General Spínola, que formou um comando geral de milícias e denominou como «força africana». Um caso raro na africanização de guerra foram os «Comandos Africanos»¹³⁴, estes constituíram um Batalhão com uma estrutura organizativa aparentemente convencional, contudo, os quadros orgânicos, até ao cargo de Comandante de Companhia, já eram desempenhados por africanos, auxiliados por militares portugueses, que acautelavam também a sua instrução e administração, utilizando um sistema idêntico ao empregue pelos boinas verdes americanos no Laos e Vietname. No final de 1966 no Norte de Angola, começam a ser criadas pequenas formações compostas por 16 homens, sendo denominadas de Grupos Especiais (GE), em Cabinda, estas tropas são “baptizadas” de Tropas Especiais (TE). Em Moçambique,

¹³¹ Marechal António Sebastião Ribeiro de Spínola, comandante das forças militares na Guiné, presidiu a Junta de Salvação Nacional após o 25 de Abril de 74, tornando-se no décimo quarto Presidente da República. Nasceu a 11 de Abril de 1910 em Estremoz e faleceu a 13 de Agosto de 1996 em Lisboa. Ver Anexo AI, Marechal António de Spínola, p.101

¹³² Forças paramilitares, oriundas da Republica Democrática do Congo.

¹³³ Ver Anexo AJ, Milícias na Guiné, p.102

¹³⁴ Ver Anexo AK, Comandos Africanos, p103

por volta de 1970, é constituído o Grupo Especial de Pára-quedistas (GEP)¹³⁵, sendo composto por nativos negros, normalmente oriundos da mesma tribo e alguns oficiais portugueses, participaram em operações contra as linhas de comunicação das guerrilhas e em raides. (Afonso e Gomes, 2000)

Outro grupo de africanos, foram formados em Angola e Moçambique, pela Direcção-Geral de Segurança (DGS) e denominado por “FLECHAS”¹³⁶, actuando como unidades de reconhecimento de longo alcance. Os homens eram essencialmente pequenos grupos de ex-guerrilheiros que transportavam armas de padrão soviético, vestiam roupas de guerrilha e eram destacados em demoradas actividades de penetração. (Afonso e Gomes, 2000)

4.6 - Equipamento

4.6.1 - Pistola-metralhadora 9mm m/948 FBP

Fabricada na Fábrica de Braço de Prata, daí advêm o seu nome, FBP¹³⁷, os seus componentes são inspirados nas pistolas-metralhadoras alemãs e americanas, MP40 e M3 respectivamente. No início da guerra colonial foi a principal pistola-metralhadora utilizada pelos comandantes de pelotão, com o desenrolar do conflito e com a aquisição da espingarda automática G3, a FBP foi distribuída às unidades dos três ramos das forças armadas, que efectuavam a defesa nas instalações na retaguarda. Os primeiros modelos fabricados detinham alguns defeitos, nomeadamente ao nível do sistema de segurança, essas imperfeições originaram alguns acidentes¹³⁸. (Telo, 2004)

4.6.2 - Pistola 9mm m/961 Walther

Com o começo da guerra em África na década de 60, Portugal necessitava de substituir as já desactualizadas Luger e Savage¹³⁹, numa altura em que o nosso país adquire as espingardas e metralhadoras ligeiras à Republica Federal da Alemanha¹⁴⁰, a

¹³⁵ Ver Anexo AL, Grupos Especiais de Pára-quedistas, p.104

¹³⁶ Unidades bastante similares aos “Kit Carson Scouts”, utilizados pelos EUA na Guerra do Vietname. Ver Anexo AM, Flechas em Angola, p.105

¹³⁷ Ver Anexo AN, Pistola-metralhadora 9mm m/948 FBP, p.106

¹³⁸ Bastava uma pancada forte ou uma queda, para as armas iniciarem o disparo, que só terminava quando o carregador ficava vazio.

¹³⁹ Até á aquisição da pistola Walther, Portugal detinha como arma padrão dos oficiais as pistolas 7,65mm m/908 Luger, 9mm m/943 Luger, de origem alemã e as americanas 7,65 mm m/908 Savage e 7,65mm m/915 Savage.

¹⁴⁰ Também conhecida pela sigla RFA.

WaltherP38¹⁴¹ surgiu como escolha natural, além do mais, a RFA concedeu facilidades financeiras e comerciais à metrópole na aquisição de armamento. A Walther foi adquirida com o intuito de se tornar na arma padrão dos oficiais na guerra colonial, todavia existiam alguns oficiais que optavam por utilizar a Pistola-metralhadora UZI como arma particular. A Walther P38 ainda hoje é utilizada como arma padrão dos oficiais portugueses. (Telo, 2004)

4.6.3 - Pistola-metralhadora 9mm m/961 UZI

Em 1950 o Major israelita Uziel Gal ¹⁴² aplica um conceito ¹⁴³ desenvolvido pela Checoslováquia, para produzir a pistola-metralhadora UZI ¹⁴⁴ que se tornou na mais conhecida arma de exportação de Israel. Sendo encarada como um dos melhores modelos de pistolas-metralhadoras até aos anos 90¹⁴⁵, foi naturalmente adoptada por variados exércitos e Portugal não foi excepção. (Telo, 2004)

No princípio da década de 60 Portugal deparava-se com a guerra em África, onde grande parte dos combates se prendiam a distâncias reduzidas, a UZI aparece como sendo a arma ideal para esta condições, pondo em prática toda a sua fiabilidade e eficácia demonstrada nas guerras de Israel contra os países árabes. O emprego da UZI pelos oficiais, dotava-os de um poder de fogo superior do que com a pistola Walther, sendo utilizada em simultâneo com a FBP. (Telo, 2004)

4.6.4 Espingarda de assalto 7,62 m/961 FN FAL

Até ao início da guerra colonial, Portugal não possuía uma espingarda com a capacidade de executar fogo automático. Neste sentido, tornava-se indispensável substituir a espingarda Mauser, que não se encontrava adaptada às novas “leis” da guerra em África. Desde logo, Portugal depara-se com um problema na aquisição da espingarda de assalto

¹⁴¹ O nome desta versão adquirida por Portugal era o de Walther P1, que detinha algumas alterações em relação à antiga Walther P38, contudo o nome não “soava bem”, sendo que ela ficou conhecida por Walther P38 ou apenas Walther. Ver Anexo AO, Pistola 9mm m/961 Walther, p.107

¹⁴² Engenheiro de armas Israelita, conhecido por ter sido o inventor da pistola-metralhadora UZI, nasceu em Weimar na Alemanha, a 15 de Dezembro de 1923 e faleceu em Filadélfia nos EUA, a 7 de Setembro de 2002.

¹⁴³ Este conceito foi conceber uma Pistola-Metralhadora em que o carregador era introduzido através do punho e a culatra era aplicada centralmente, estas modificações concebiam que a arma fosse leve e equilibrada, podendo ser utilizada apenas com uma mão tal como se de uma pistola se trata-se.

¹⁴⁴ Ver Anexo AP, Pistola-metralhadora 9mm m/961 UZI, p.108

¹⁴⁵ Altura em que Portugal, adquire alguns lotes da Pistola-Metralhadora 9mm HK MP5 de origem alemã.

7,62mm m/961 AR-10¹⁴⁶, para suprir este problema político, Portugal decide então adquirir alguns lotes da espingarda de assalto 7,62 m/961 FN FAL¹⁴⁷, nomeadamente à Bélgica, à Republica da África do Sul e à RFA, sendo devolvidos alguns lotes, mal a espingarda 7,62 m/963 G3 começa a ser produzida em quantidade suficiente para equipar as unidades que marcham para África. As FN que não são entregues aos referidos países, são cedidas a alguns grupos especiais de recrutamento local. (Telo, 2004)

4.6.5 - Espingarda de assalto 7,62 m/963 G3

Com a estreia da guerra em África, Portugal necessita urgentemente de modernizar o seu armamento ligeiro como tal decide adquirir a G3¹⁴⁸. Era uma arma moderna e tinha já dado provas da sua viabilidade durante as guerras no Médio Oriente e também em África, e para além disso as relações políticas com a RFA eram excelentes e não existia problema como aconteceu com a AR-10. A aquisição da G3 como arma padrão das forças armadas portuguesas, não foi principalmente devido às suas características técnicas, mas sim, a conjectura política vivida na época e as garantias comerciais¹⁴⁹ que a RFA dava. Foram adquiridos vários modelos da G3, desde modelos com coronha retráctil, alguns adaptados com lança granadas¹⁵⁰, com aparelhos de visão nocturna e alças telescópicas. (Telo, 2004)

A produção tem o começo em Braço de Prata, inicialmente previa-se a manufactura de 105 000 espingardas, contudo em 1965 já se excediam as expectativas, visto que, até essa data já se tinham produzido cerca de 140 000 G3, em 1974 já se tinham produzido mais do dobro da expectativa inicial, 250 000 armas, sendo estas distribuídas pelas forças armadas, GNR e algumas unidades de recrutamento africano. (Telo, 2004)

¹⁴⁶ A política colonialista de Portugal em África não era bem vista por alguns países da NATO, sendo os mais críticos a esta política a Holanda e os EUA. Sendo esta arma de origem Americana e fabricada na Holanda, nunca Portugal conseguiria equipar as suas fileiras em quantidade suficiente, pelo que foi posta de parte a aquisição da AR-10 como arma padrão das forças armadas portuguesas. Embora tenham sido adquiridos alguns lotes de armas, num total inferior a 1500 unidades.

¹⁴⁷ Ver Anexo AQ, Espingarda de assalto 7,62 m/961 FN FAL, p.109

¹⁴⁸ Ver Anexo AR, Espingarda de assalto 7,62 m/963 G3, p.110

¹⁴⁹ A RFA concedeu grandes comodidades para a manufactura da arma sob licença portuguesa na Fabrica de Braço de Prata, além disso, inicialmente a RFA ainda forneceu um grande lote de armas dos seus stocks para fazer face aos incidentes ocorridos em África, inclusivamente chegando a ceder a título de empréstimo espingardas de assalto 7,62mm FN FAL.

¹⁵⁰ HK79, que era acoplado na arma.

Simultaneamente com o mosquete «Brown Bess» de 1808 a G3 foi a arma adquirida em maior quantidade pelo nosso exército, tornando-se numa das mais utilizadas¹⁵¹. (Telo, 2004)

4.6.6 - Espingarda de assalto 7,62 mm m/961 AR-10

Numa altura em que a necessidade de adquirir armas em qualquer país, para fazer face ao conflito que se iniciava nas colónias ultramarinas era enorme, Portugal adquire assim cerca de 1500 espingardas de assalto 7,62 mm m/961 AR-10¹⁵² à Holanda. Ao nível técnico, a AR-10 era uma arma que nas operações revelou-se ser bastante fiável, precisa, leve mas equilibrada, que face a uma emergência poderia ser disparada só com uma mão. Porém, no teatro da conjectura política, o nosso país acaba por não adquirir a AR-10 como arma padrão das FAP. Perante as suas características técnicas enunciadas anteriormente, foi a arma utilizada pelas Companhias de Caçadores Pára-quedistas. (Telo, 2004)

4.6.7 - Metralhadora 7,62 mm m/962 MG42

Aclamada como a melhor metralhadora da 2ª Guerra Mundial a MG42¹⁵³, utilizava o calibre 7,92 x 57mm. Com a inclusão da RFA à North Atlantic Treaty Organization (NATO), a MG42 sofre alterações de modo a padronizar o novo calibre¹⁵⁴, sendo “baptizada” como o nome de MG42/59. Era uma arma bastante barata e rápida de fabricar. Com desencadear do conflito nas províncias ultramarinas, Portugal necessitava de renovar o seu armamento, para tal adquire armamento à RFA, nomeadamente a G3, a Walther P38 e a HK21, a MG42/59 sendo uma das melhores metralhadoras no mercado e com as vantajosas facilidades financeiras que a RFA disponibiliza, Portugal adquire assim a sua metralhadora para substituir as metralhadoras Breda¹⁵⁵ e Vickers¹⁵⁶. (Telo, 2004)

Em África, a MG42 revela-se como a melhor metralhadora portuguesa, embora a HK21 não tivesse a fiabilidade e a cadência de tiro atestada pela MG42, é adoptada para

¹⁵¹ Cumpriu 49 anos ao serviço das Forças Armadas Portuguesas (FAP), como espingarda padrão em 2010, e até a sua substituição irá manter-se nos teatros em que as Forças Nacionais Destacadas (FND) intervirem.

¹⁵² Ver Anexo AS, Espingarda de assalto 7,62 mm m/961 AR-10, p.111

¹⁵³ Abreviatura de Maschinengewehr42. Ver Anexo AT, Metralhadora 7,62 mm m/962 MG42, p.112

¹⁵⁴ 7,62 x 51mm NATO.

¹⁵⁵ Metralhadora 7,92 mm m/938 Breda de origem italiana.

¹⁵⁶ Existem várias versões desta arma, sendo a mais recente a metralhadora pesada 7,9mm m/939 Vickers de origem inglesa.

equipar as secções de atiradores, em detrimento da MG42 que era encarada como excessivamente pesada¹⁵⁷ para equipar as secções de atiradores. (Telo, 2004)

4.6.8 - Metralhadora ligeira 7,62mm m/963 HK21

Com o enorme sucesso realizado com a G3, a H&K¹⁵⁸ desenvolveu várias armas para equipar uma secção de atiradores já equipada com a espingarda G3. (Telo, 2004)

Portugal necessitava de uma metralhadora ligeira para aumentar o poder de fogo das suas secções de atiradores¹⁵⁹, inicialmente a MG42 passou a equipar as ditas secções, contudo devido ao seu peso foi encarada como excessivamente pesada. A H&K apresenta como solução a HK21¹⁶⁰, esta arma usufruía de uma grande superioridade em relação a outras metralhadoras ligeiras, visto que esta utilizava além da mesma munição, era também constituída por 40% dos componentes da G3. Tal como nas outras armas adquiridas à RFA, também vieram lotes iniciais até que as primeiras HK21 saíssem de Braço de Prata. (Telo, 2004)

4.7 - Breves conclusões

Portugal tinha sido a primeira potência colonial a chegar a África e a última a sair. Enquanto outros países europeus consentiam a independência às suas colónias, o nosso país decide ficar e lutar. Constituindo um feito notável, que o tenha conseguido com êxito durante treze anos, a oito mil quilómetros da metrópole e nas três frentes, Angola, Guiné e Moçambique, em especial para uma nação de recursos tão modestos. (Cann, 2002)

Portugal aprimorou a sua filosofia e pô-la em prática de modo a concorrer com a estratégia das guerras prolongadas de guerrilha, e, ao executar essa filosofia, adoptou as experiências adquiridas por britânicos e franceses nas guerras de pequena escala. Ao adoptar estratégias de campanha simultaneamente abrangentes e restritas, o nosso país tentou fragmentar a organização dos movimentos nacionalistas através da acção de agentes e opor-se à acção armada por meio de força militar e de pressão diplomática apropriadas. Conjuntamente, agenciou a protecção das populações face ao contacto com os revoltosos e tentando adquirir a sua lealdade, elevando os seus padrões de vida e atendendo as suas queixas. (Cann, 2002)

¹⁵⁷ A MG42 pesava cerca 11,5kg e a HK21 pesava cerca de 7,9kg.

¹⁵⁸ Sigla da empresa de armamento alemã Heckler & Koch.

¹⁵⁹ Equipadas com espingarda automática G3.

¹⁶⁰ Ver Anexo AV, Metralhadora ligeira 7,62mm m/963 HK21, p.113

Ao nível do armamento ligeiro presente em 1961, este encontrava-se obsoleto, datavam da 2ª Guerra Mundial, as espingardas eram de repetição, de calibre ultrapassado, as metralhadoras, do mesmo calibre, e o material mais moderno encontrava-se submetido, quanto ao seu emprego, aos acordos da NATO. Ainda para mais, o material enviado para o ultramar era o mais antiquado, inclusive anterior à 2ª Guerra Mundial. Com o rebentar da guerra, esta apanhou o exército completamente desprevenido e mal equipado, além da situação política internacional complicar ainda mais a obtenção, agora urgentíssima de armamento a outros exércitos europeus. Para isso, houve que socorrer-se dos fornecedores acessíveis e improvisar a nível interno. É de o realçar esforço executado pela fábrica de braço de prata, ao conseguir, em meses a produção de componentes de G3, e em pouco mais de um ano a arma completa, bem como a produção da HK-21 em 15 meses, com todos os problemas de transferência de tecnologia, aquisição de maquinaria, preparação de pessoal, etc. É de salientar a criatividade demonstrada quer na produção de materiais novos (dilagrama, lança rockets, morteiro), quer na adaptação e manutenção dos velhos, nomeadamente viaturas blindadas, tudo a par com a criação de doutrina tática e de técnicas de emprego. (Afonso e Gomes, 2000)

Portugal, neste conflito utiliza a africanização da guerra, o intuito de atingir determinados objectivos políticos e militares, sendo a africanização das baixas uns dos objectivos mas não o principal. Com esta política, pretendeu-se o envolvimento real das populações nativas na guerra. Com este objectivo dedicou aos nativos que estavam ao seu serviço uma enérgica acção psicológica, fornecendo-lhes melhores condições de vida e apresentava-os como modelo a seguir pelos restantes. Em troca, o emprego de nativos na guerra, permitiu unidades mais acessíveis ao nível económico sujeitando os indígenas a maiores riscos, sacrifícios e aproveitando-os como fonte de informações, estas novas unidades equilibraram a carência de efectivos que era notória com o perdurar da guerra e que a demografia do país já não conseguia suportar. (Afonso e Gomes, 2000)

Em suma a guerra colonial constituiu-se como uma notável proeza de armas.

Conclusões

Como corolário da reflexão efectuada, tendo como alusão às questões derivadas levantadas a quando da introdução desta dissertação e que lhe serviram de guia, sistematizo os aspectos que considero mais relevante, expondo-os de seguida.

Para poder responder as questões derivadas e por sua vez a questão central vejo-me obrigado a efectuar um paralelismo com as diferentes épocas estudadas, na manutenção do Império português em África.

Quais os tipos de táticas utilizadas nas operações militares de manutenção do Império Português em África?

Numa primeira fase destas campanhas de manutenção, Portugal optou por utilizar uma tática que lucrasse com poder de fogo superior detido pelos portugueses, contrariando a vantagem numérica, o superior conhecimento do terreno e a excelente mobilidade do inimigo, esta tática era a do quadrado.

Durante a 1ª Guerra Mundial em África, o nosso país preferiu, também por causa do estatuto de neutralidade que detinha, utilizar a ocupação efectiva dos postos fronteiriços de modo a afirmar a sua presença na faixa de fronteira com as colónias alemãs.

A guerra colonial sendo uma guerra subversiva, as táticas empregues nas operações não seriam as mesmas que as utilizadas numa guerra convencional. Como tal, e atendendo a estas diferenças, o território a pacificar deve ser guarnecido e nele deve-se manter um contacto próximo com a população. Para cumprir isto, Portugal adoptou operações de defesa e limpeza de sector, que com as suas forças características operaram em África.

Na perspectiva da doutrina actual estas táticas ainda estarão actualizadas?

Como é obvio as táticas utilizadas nas campanhas de pacificação no final do século XIX e início do século XX, encontram-se totalmente desactualizadas, em virtude de o próprio adversário, ter evoluído e ter-se guarnecido com armamento e equipamento do mesmo nível ou até superior às forças portuguesas (como pudemos constatar na guerra colonial). No entanto a “velha” tática do quadrado, encontra-se quase obsoleta, sim quase, porque o fundamental princípio, “(...) *as tropas regulares, em estacionamento, devem estar sempre prontas a receber o inimigo, qualquer que seja a direcção em que ele se*

*apresenta(...)*¹⁶¹ ainda se mantém actual nos dias de hoje. Como podemos comprovar, quando se realizam patrulhas de combate e reconhecimento e é necessário efectuar uma base de patrulhas ou um grande alto, utiliza-se o chamado “grão de café” que é nada mais do que conferir à tropa segurança em 360º, além disso também se verifica este princípio na segurança das unidades e aquartelamento.

As táticas empregues na 1ª Guerra Mundial, que visavam ocupar e guarnecer os territórios e postos fronteiriços das colónias de Angola e Moçambique actualmente pode-se afirmar como sendo os primórdios das forças de quadrícula.

As táticas utilizadas durante a guerra colonial, nomeadamente as que regulavam a intervenção de forças de quadrícula e forças de intervenção, encontram-se ainda actualizadas, como podemos comprovar com as nossas forças nacionais destacadas, quando estas vão cumprir as suas missões no estrangeiro, onde realizam missões que tem por base princípios das forças de quadrícula e forças de intervenção. A título de exemplo: assegurar a defesa de determinados pontos sensíveis, garantir a possibilidade de utilização de determinadas vias de comunicação, pesquisar constantemente notícias sobre o inimigo e obter elementos que permitam identificar cada vez melhor o terreno e a população, manter um contacto constante com a população exercendo sobre ela uma acção psicossocial e, quando necessário, estabelecer medidas de controlo dessa população, todas estas são missões que uma força de quadrícula desempenham.

Mas caso seja necessário uma força mais “musculada” e para operações de maior risco onde as principais missões são: socorrer, quando necessário, outras unidades, povoações e instalações importantes, militares ou civis, atacadas pelo inimigo, procurar sistematicamente o inimigo e hostilizá-lo o mais possível, executar operações ofensivas contra elementos rebeldes referenciados, para os expulsar, aprisionar ou aniquilar, estando estas missões na base das forças de intervenção.

De que modo a evolução do armamento influenciou o nível tático, ao longo destes períodos?

Ao longo destes períodos, Portugal foi constantemente adaptando-se ao ambiente adverso. Exemplo dessa constante adaptação, foi a sistemática adaptação das táticas às constantes evoluções que o equipamento e armamento foram sofrendo. O sistema de armas detinha grande influência nestas inovações táticas. Exemplo da conjugação entre

¹⁶¹ Telo, 2004, p. 29

as inovações do armamento e as táticas empregues nas campanhas de pacificação no período pré 2ª Guerra Mundial foi a inclusão de armas de repetição, numa altura em que as diminutas forças da metrópole se debatiam contra as abundantes forças inimigas, a cadência de tiro destas armas foi um importante factor a pesar na balança da vitória para as forças portuguesas. Possibilitando aos portugueses o emprego de uma tática interligada com o sistema de armas em vigor.

Na guerra colonial essa conjugação é evidente, com a aquisição de armamento que possuía determinadas características, adquirido para armar algumas unidades com características especiais. Exemplo destas aquisições para equipar as ditas unidades foi a pistola-metralhadora UZI e as armas com capacidade de efectuar fogo automático, numa época onde a maioria dos combates se travavam a curtas distâncias, a UZI surge como sendo a arma ideal para estas condições, também a aquisição de espingardas com a capacidade de executar fogo automático (G3,AR-10, FN-FAL, MG42, HK21), visto que a “velhinha” Mauser, não se encontrava adaptada às novas “leis” da guerra em África. Estas aquisições de armamento, influenciaram o emprego dos Pelotões de Caçadores, que passaram a dispor de uma maior cadência de fogo para as suas operações

Quais os contributos da africanização para a guerra?

Os contributos que a africanização proporcionou para o esforço de guerra de um modo geral e ao longo destas campanhas de manutenção do império foram:

- A africanização das baixas, com o intuito de envolver efectivamente as populações nativas na guerra.
- Por sua vez criar fendas e conflitos nos movimentos de libertação e conseqüentemente complicar o recrutamento e alargamento das bases de apoio do inimigo (no caso da guerra colonial).
- Unidades mais económicas, a constituição destas compensava a carência de efectivos que era exigida pelo alastramento da guerra.
- Beneficiar da experiência que os nativos detinham sobre o terreno, da adaptação ao meio onde se encontravam inseridos e aproveitando-os como fonte de informações (ex: auxiliares - nas campanhas pré 2ª Guerra Mundial e os “FLECHAS” – na guerra colonial)

Como Portugal adaptou o seu modo de fazer a guerra durante o último século do Império?

Durante o último século do Império português em África, sempre que existia a necessidade de efectuar uma campanha de pacificação, enviar expedições coloniais ou no caso da guerra colonial, Portugal possuía a capacidade de se adaptar ao “clima adverso”, tirando proveito do “velho” hábito português de “desenrascar”, foi assim nas campanhas de pacificação de Moçambique e Angola, durante a 1ª Guerra Mundial em África e por fim na guerra colonial. Ao longo destas campanhas, podemos constatar que o nosso país era apanhado desprevenido pelas forças opositoras (foi assim em Lourenço Marques, Naulila, Manziúa e nos ataques executados pela UPA), contudo, Portugal soube adaptar-se as circunstâncias e reagir de forma positiva.

Esta reacção é evidente na aquisição de armamento moderno para fazer face a estas contendas:

- 1ª Fase - aquisição de armas de repetição,
- 2ª Fase – aquisição de armas automáticas

Também ao nível das táticas Portugal soube adaptar a sua doutrina:

- 1ª Fase - utilização da tática do quadrado para fazer face as vagas de revoltosos
- 2ª Fase - ocupação de postos fronteiriços com o intuito de ocupar o vasto território e garantir a segurança das fronteiras
- 3ª Fase - reorientação das FAP, de uma força moldada para a guerra convencional para uma apta para a contra-insurreição. Alteração das táticas de grandes unidades para táticas de pequenas unidades e adaptação do respectivo treino, equiparando deste modo as forças lusas às dos rebeldes, proporcionando uma luta lenta e com custos controlados

A africanização da guerra, foi também um dos primordiais factores na influência do sucesso português nestas campanhas:

- 1ª Fase – emprego de Batalhões de forças indígenas, auxiliares e carregadores nas campanhas
- 2ª Fase – emprego de forças indígenas na guarnição de postos fronteiriços e como carregadores

- 3ª Fase - criação de programas de desenvolvimento económico e social (ex: educação, assistência higiénica, desenvolvimento económico da agricultura e da criação de gado, melhoramentos nas infra-estruturas locais) que elevava o nível de vida dos africanos portugueses, e que, ao fazê-lo, revogava a maioria dos argumentos dos rebeldes. Recrutamento de forças locais, com o objectivo, das colónias se envolverem na defesa da pátria. Criação de unidades especiais (TE, GE, milícias, fieis catangueses, comandos, fuzileiros, “flechas”).

Bibliografia

AGUIAR, Lopes de (1948). *Portugal Ultramarino. Expansão, Fundação, assimilação, Solidariedade e Unidade Imperial*, Edições Escola do Exército, Lisboa

AFONSO, Aniceto & Gomes, Carlos Matos (2000). *Guerra colonial, Diário de Notícias, Lisboa*

ALMEIDA, Alberto Augusto de (1968). *A artilharia portuguesa na grande guerra (1914-1918)*, Ministério do Exército, Lisboa

ALBUQUERQUE, Mousinho de (1935). *Livro das Campanhas*, Divisão de Publicações e Biblioteca Agência Geral das Colónias,

ANTUNES, José Freire (1995). *A Guerra em África (1961-1974)*, Circulo de Leitores, Lisboa

AZEVEDO, Alves (s.d.) *Cecil Rhodes e o Mapa Cor-de-Rosa*, Editorial Cosmos, Lisboa

BARATA, Themudo e TEIXEIRA, Severiano (Dir.) (2004).. *Nova História Militar de Portugal*, Volumes 3 e 4, Circulo de Leitores, Lisboa

BARATA, Themudo e TEIXEIRA, Severiano (Dir.) (2004).. *Nova História Militar de Portugal*, Volumes 4, Circulo de Leitores, Lisboa

BETHENCOURT, Francisco e KIRTI Chaudhui (2000). *História da Expansão Portuguesa, Volume 4 e 5*, Temas e Debates, Navarra, Espanha

BETHENCOURT, Francisco e KIRTI Chaudhui (2000). *História da Expansão Portuguesa, Volume 5*, Temas e Debates, Navarra, Espanha

BESSA, Gomes (1986). «Anais» da Academia Portuguesa de História, Edições Ática, Lisboa

BRANCO, Pedro Soares (2005). *Exército Português – Memória Ilustrada*, Edições Quimera, Lisboa

BORGES, João Vieira (2007). *Armamento do Exército Português – Vol.II – Armamento de Artilharia Antiaérea*, Edições Prefacio, Lisboa

CAETANO, Marcello (1971). *Portugal e a Internacionalização dos Problemas Africanos*, Edições Ática, Lisboa

CANN, John P., (1998). *Contra-Insurreição em África 1961-1974, O modo Português de Fazer a Guerra*, Edições Atena, S. Pedro do Estoril

ECO, Umberto (2008). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, 14ª Edição, Editorial Presença, Lisboa

ENNES, António (1898). *A Guerra d'África em 1895*, Typographia do "Dia", Lisboa

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO (1963). *O Exército na Guerra Subversiva – II Operações contra bandos armados e guerrilhas*, Regulamento, Lisboa

FERREIRA, José Medeiros (1992). *Portugal na conferência de paz*, Quetzal Editora, Lisboa

GARCIA, Francisco M. G. P. Proença (1997). *Guiné 1963 - 1974: Movimentos Independentistas, o Islão e o Poder Português*, Universidade Portucalense Lisboa

HERDADE, Nívio José Ramos (2001). *Armamento do Exército Português – Primeira metade do Século XX*, Estado Maior do Exército, Lisboa

LIMA, Américo Pires de, (1933). *Na Costa d'África - memórias de um médico expedicionário a Moçambique*, Gaia

MACHADO, Miguel, CARMO António, (2003) *Tropas Pára-quedistas – A História dos Boinas Verdes Portugueses de 1955 – 2003*, Lisboa

MARQUES, Oliveira (1981). *História de Portugal. Desde os tempos mais Antigos até à do Sr General Eanes*, 2ª Edição, Volume III, Palas Editores, Lisboa

MARQUES, Oliveira (1991). *Nova História de Portugal*, Volume XI, Editorial Presença, Lisboa

MARTELO, David (1997). *O Exército Português na Fronteira do Futuro*, Publicações Europa – América, Mem Martins

MARTELO, David (2001). *1974, Cessar-fogo em África*, Publicações Europa – América, Mem Martins

MARTINS, Ferreira (1934). *Portugal na Grande Guerra*, Volume II, Ática Lisboa

MARTINS, Ferreira (1945). *História do Exército Português*, Editorial Inquérito, Lisboa

MATTOSO, José e tal (1993). *História de Portugal*, Volume 6, Estampa, Lisboa

MERGULHÃO, José Freire de Mattos (1896) *Apontamentos Para a História da Campanha d'África*, Typographia Brigantina, Bragança

NUNES, António Pires (2002). *Angola 1966-74 Vitória Militar no Leste*, Tribuna, Lisboa

MOURA, Rui (Coordenação) (2009). "O 14 de Infantaria", Peres – Soctip, Lisboa.

ORDEM DO EXÉRCITO Nº 19 de 18 de Agosto de 1914

ORDEM DO EXÉRCITO Nº 20 de 24 de Agosto de 1914

ORDEM DO EXÉRCITO Nº 21 de 11 de Setembro de 1914

ORDEM DO EXÉRCITO Nº 26 de 13 de Novembro de 1914

ORDEM DO EXÉRCITO Nº 6 de 25 de Março de 1916

OLIVEIRA, Ramires (coord) (1993). *História do Exército Português (1910-1945)* Volume I, Exército Português, Lisboa

OLIVEIRA, Ramires (coord) (1993). *História do Exército Português (1910-1945)* Volume III, Exército Português, Lisboa

PÉLISSIER, René (2000a). *História de Moçambique. Formação e oposição 1854-1918*, 3.^aEdição, Volume I, Editorial Estampa, Lisboa

PÉLISSIER, René (2000b). *História de Moçambique. Formação e oposição 1854-1918*, 3.^aEdição, Volume II, Editorial Estampa, Lisboa

PÉLISSIER, René (2006). *As campanhas Coloniais de Portugal 1844 – 1941*, Editorial Estampa, Lisboa

PIRES, Lemos (1997). *Escola Prática de Infantaria – Roteiro Histórico, EPI, Mafra*

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van(2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa

REGALADO, Jaime (2004). *Cuamatos – Os Bravos de Mufilo no Sul de Angola*, Edição Tribuna da História, Lisboa

SANTOS, Loureiro dos (1979). *Apontamentos de História para Militares*, Estado Maior do Exército, Lisboa

SARAIVA, José Hermano (2004). *História de Portugal*, Publicações Europa América, Mem Martins

SARMENTO, Manuela (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica*, Universidade Lusíada, Lisboa

SELVAGEM, Carlos (1931). *Portugal Militar*, Imprensa Nacional de Lisboa, Lisboa

TELO, António (1994). *Economia e Império no Portugal Contemporâneo*, Edições Cosmos, Lisboa

TELO, António, ÁLVARES, Mário (2004). *Armamento do Exército Português, Vol.I – Armamento Ligeiro*, Edições Prefacio, Lisboa

TELO, António (2004). *Moçambique – 1895 – A campanha de todos os Heróis*, Edição Tribuna da História, Lisboa

INTERNET

<http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=524> - Site acedido no dia 24 de Março às 19:49

<http://www.arqnet.pt/portal/biografias/massano.html> - Site acedido no dia 24 Março às 22:30

<http://world.guns.ru/smg/smg17-e.htm> - Site acedido no dia 24 Março às 22:33

<http://www.thefirearmsforum.com/showthread.php?t=61549> - Site acedido no dia 24 Março às 22:40

<http://world.guns.ru/assault/as16-e.htm> - Site acedido no dia 24 Março às 22:46

<http://www.imfdb.org/index.php/MG42> - Site acedido no dia 24 Março às 22:55

<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:OtoVonBismarck1.jpg> - Site acedido no dia 24 Março às 23:07

<http://hcasiaeafrica.blogspot.com> - Site acedido no dia 18 de Abril às 10:15

<http://www.socgeografialisboa.pt/historia/conferencia-de-berlim> - Site acedido no dia 18 de Abril às 14:15

<http://www.nysun.com/pics/3852.jpg> - Site acedido no dia 19 de Abril às 9:29

<http://iamthewitness.com> - Site acedido no dia 23 de Abril às 16:47

<http://bibliotecaets.blogspot.com/assassinato-de-franciscofernando> - Site acedido no dia 1 de Maio às 19:49

<http://policia-exercito.planetaclix.pt> - Site acedido no dia 10 de Maio às 21:37

http://escritoresdamadeira.no.sapo.pt/aires_de_ornelas/index.html - Site acedido no dia 13 de Maio às 16:20

<http://santosdacasa.weblog.com.pt/> - Site acedido no dia 13 de Maio às 17:14

<http://antonio.blogspot/alves-roçadas.html> - Site acedido no dia 13 de Maio às 19:20

<http://www.deactivated-guns.co.uk/snider-rifle/html> - Site acedido no dia 14 de Maio às 22:06

<http://www.antiqearmsinc.com/martini-rifle.htm> - Site acedido no dia 10 de Junho às 11:20

http://www.ae1submarine.com/Enemy_Shipping_Conclusions.html - Site acedido no dia 10 de Junho às 11:25

<http://www.francisco.paula.nom.br/armasFogo/kropatschek.htm> - Site acedido no dia 10 de Junho às 11:28

http://www.army-discount.com/Images/Long/Kropatschek_1886.htm - Site acedido no dia 10 de Junho às 11:35

<http://world.guns.ru/rifle/rfl18-e.htm> - Site acedido no dia 10 de Junho às 12:20

<http://www.ejercito.mil.uy> - Site acedido no dia 10 de Junho às 15:42

<http://www.militaryphotos.net/Portuguese-Mauser.jpg> - Site acedido no dia 10 de Junho às 15:50

<http://www.tradebit.com/filessharing.php/6014-Sounds-MIDI-Weapons/> - Site acedido no dia 10 de Junho às 16:20

<http://www.bullethole.com/pages/rentals.html> - Site acedido no dia 10 de Junho às 17:10

<http://www.thefirearmsforum.com/showthread.php?t=61549> - Site acedido no dia 11 de Junho às 15:39

http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=410 - Site acedido no dia 11 de Junho às 16:04

<http://greenberet.no.sapo.pt/ar10.htm> - Site acedido no dia 11 de Junho às 16:13

<http://dummidumbwit.wordpress.com/2010/01/16/german-mg-42-machine-gun/> - Site acedido no dia 11 de Junho às 16:24

<http://world.guns.ru/machine/mg18> - Site acedido no dia 11 de Junho às 16:33

http://www.arqne.pt/portal/portugalgrandeguerra/pgm_mocam01.html - Site acedido no dia 11 de Junho às 16:41

<http://forum.paradoxplaza.com> - Site acedido no dia 13 de Junho às 21:46

<http://forum.newsarama.com/showthread.php> - Site acedido no dia 13 de Junho às 22:18

<http://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/guine.html> - Site acedido no dia 24 de Julho às 9:19

<http://www.aventar.eu/spinola> - Site acedido no dia 24 de Julho às 9:35

<http://www.esfcastro.pt/.htm> - Site acedido no dia 24 de Julho às 9:39

<http://www.operacional.pt> - Site acedido no dia 24 de Julho às 11:55

<http://carloscoutinho.terraweb./htm> - Site acedido no dia 24 de Julho às 15:28

<http://www.areamilitar.net/DIRECTORIO/ALIG.aspx?nn=123> - Site acedido no dia 24 de Julho às 18:21

Anexo A

Otto Von Bismarck



FONTE: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:OtoVonBismarck1.jpg>

Anexo B

Conferência Berlim e delegação portuguesa



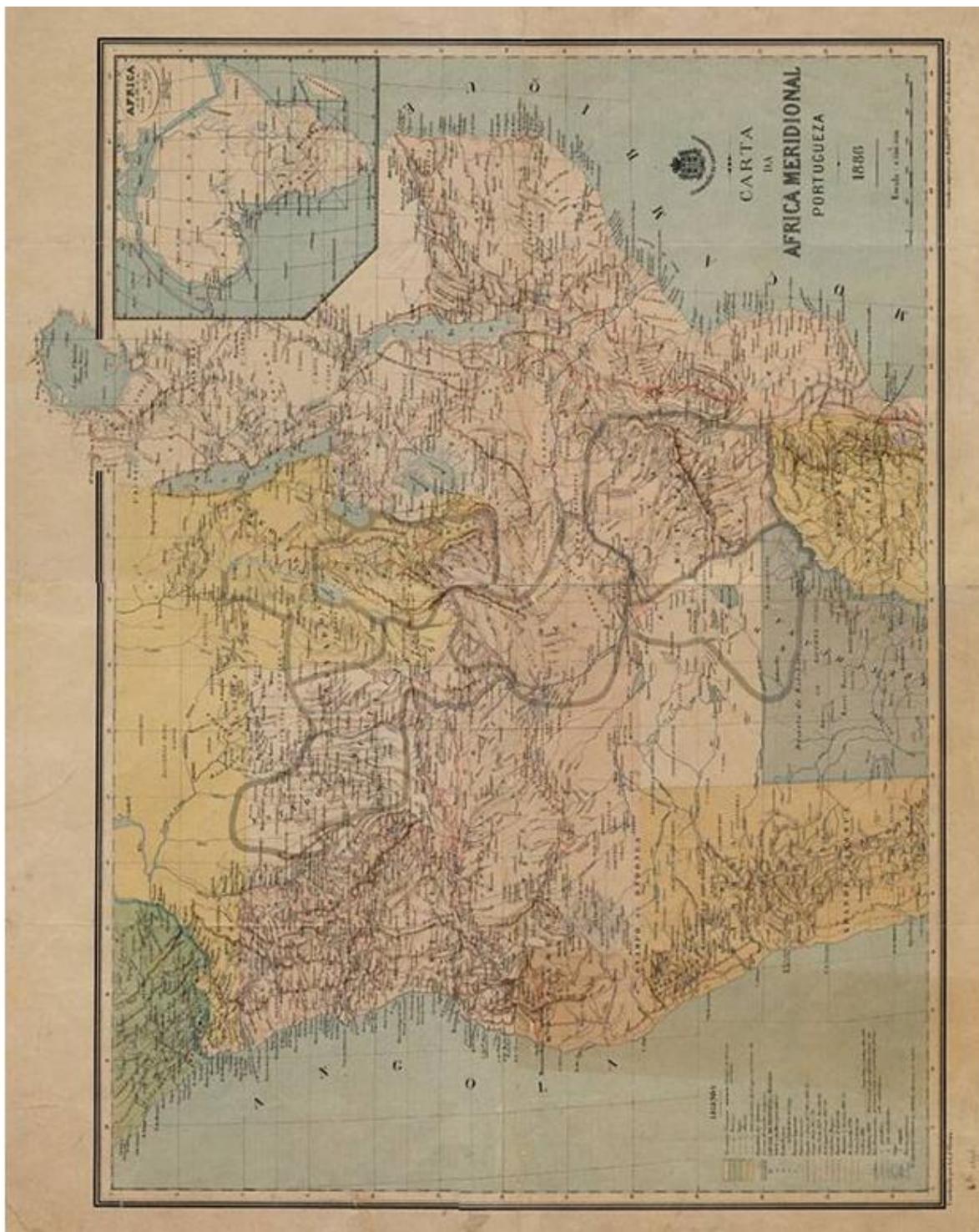
FONTE: <http://hcasiaafrica.blogspot.com>



FONTE: <http://www.socgeografialisboa.pt/historia/conferencia-de-berlim>

Anexo C

África Meridional Portuguesa – O Mapa Cor-de-Rosa



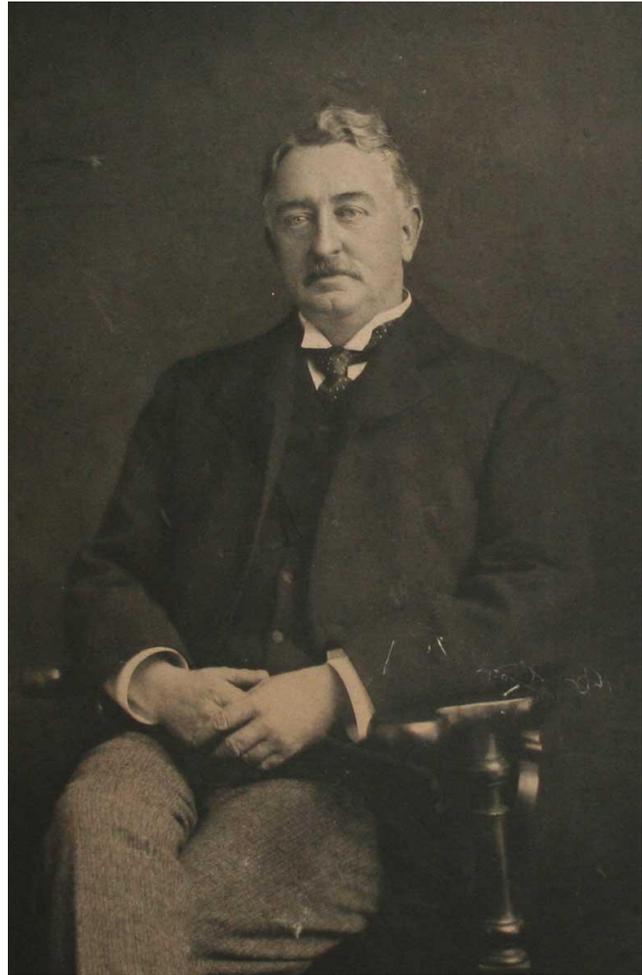
FONTE: Biblioteca Nacional

Anexo D

Cecil Rhodes



FONTE:
<http://www.nysun.com/pics/3852.jpg>



FONTE: <http://iamthewitness.com>

ANEXO E

Assassinato de Sarajevo



FONTE: <http://bibliotecaets.blogspot.com/assassinato-de-franciscofernando>

ANEXO F

Conferência de Bandung



FONTE: <http://planaltohistorico.blogspot.com/conferencia-bandung.html>

Anexo G

Gungunhanha



FONTE: Telo, (2004, p.28)

Anexo H

António Ennes



FONTE: Telo, (2004, p.6)

Anexo I

Mouzinho de Albuquerque



FONTE: <http://policia-exercito.planetaclix.pt>

Anexo J

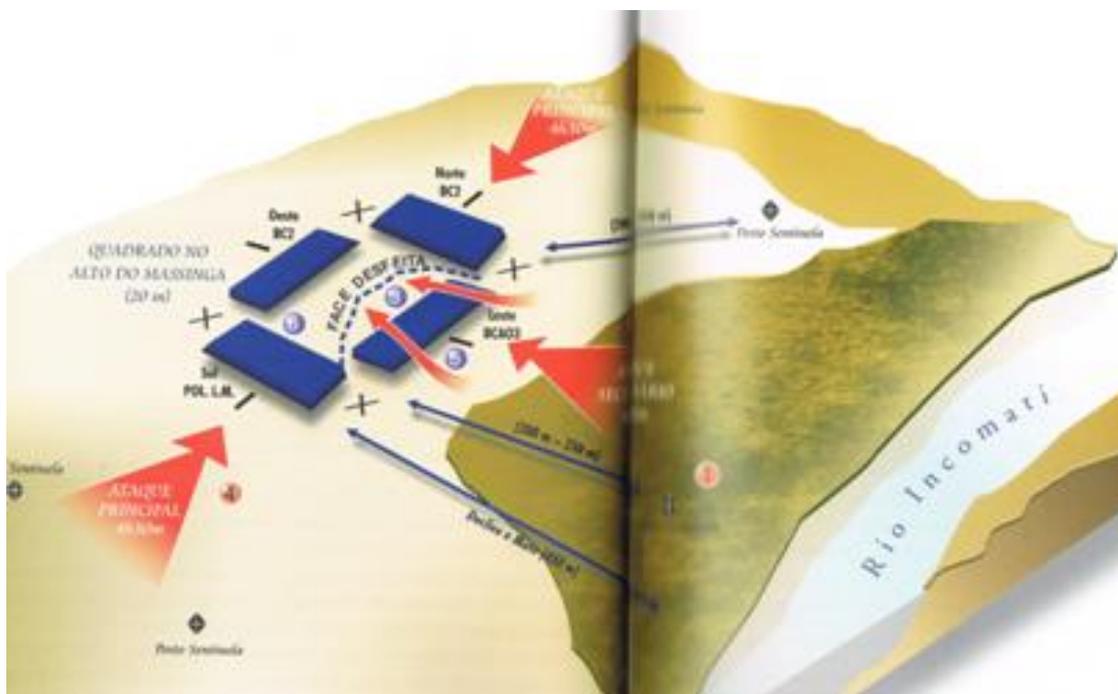
Forte Roçadas



FONTE: Regalado (2004, p.22,23)

Anexo K

Combate de Marracuene



FONTE: Telo, (2004, p.38 e 39)

Anexo L

Caldas Xavier



FONTE: Telo, (2004, p.36)

Anexo M

Capitão Ayres d'Ornelas e Vasconcelos

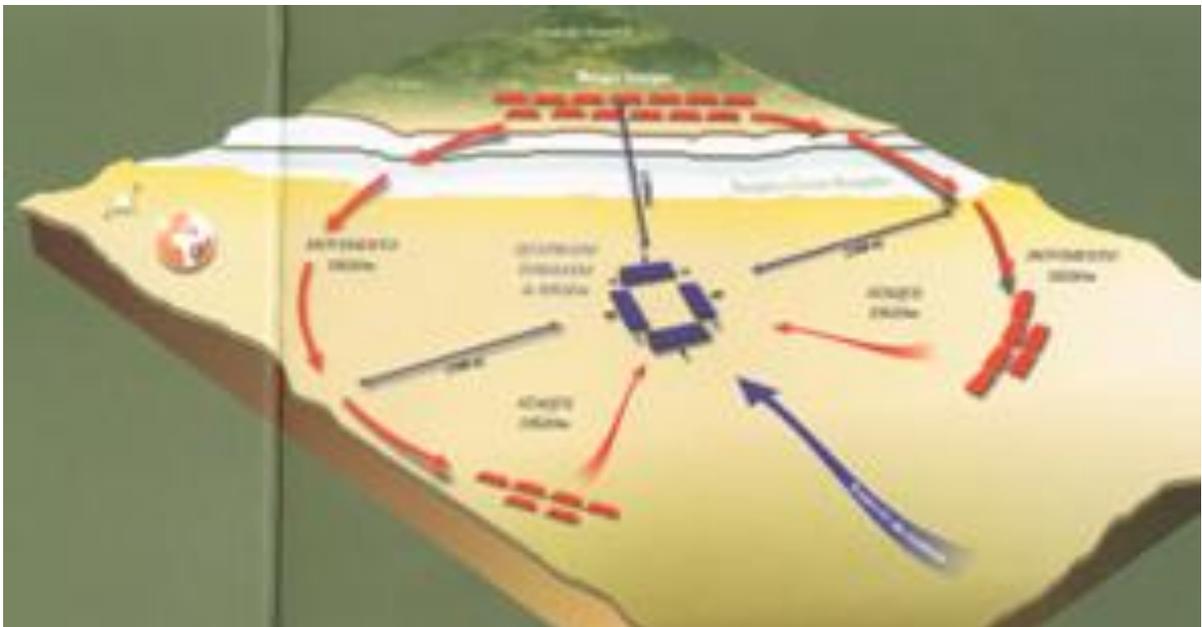


:

FONTE: http://escritoresdamadeira.no.sapo.pt/aires_de_ornelas/index.html

Anexo N

Combate de Magul



FONTE: Telo, (2004, p.58 e 59)

Anexo O

Paiva Couceiro



FONTE: <http://santosedacasa.weblog.com.pt/>

Anexo P

Coronel Eduardo Galhardo



FONTE: Telo, (2004, p.73)

Anexo Q

General Alves Roçadas



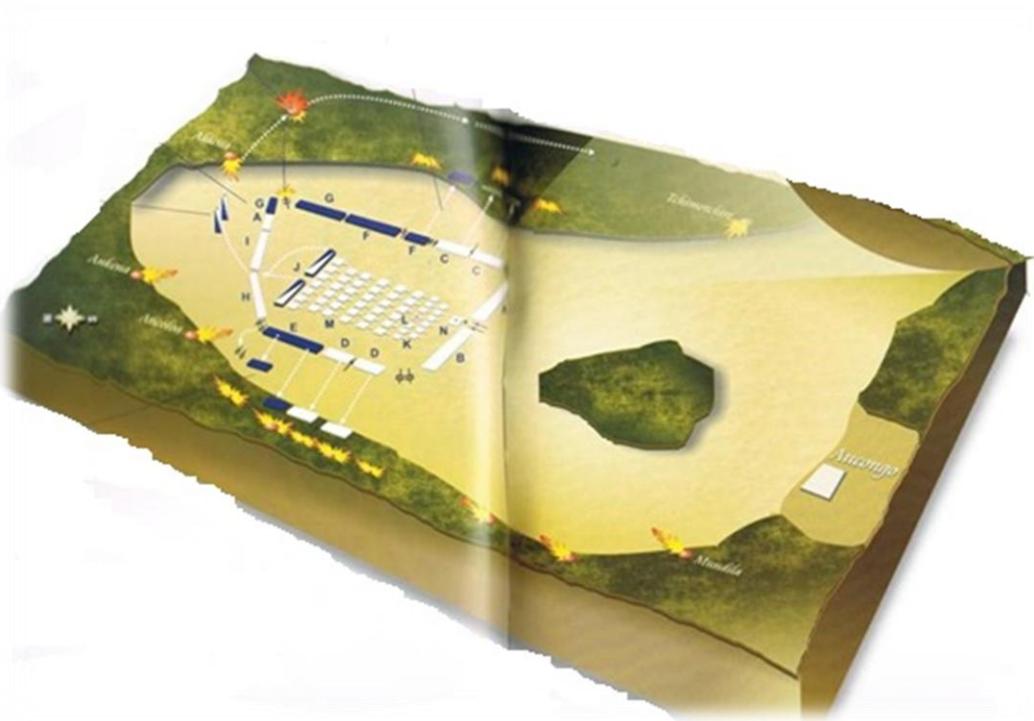
FONTE: Regalado (2004, p.59)



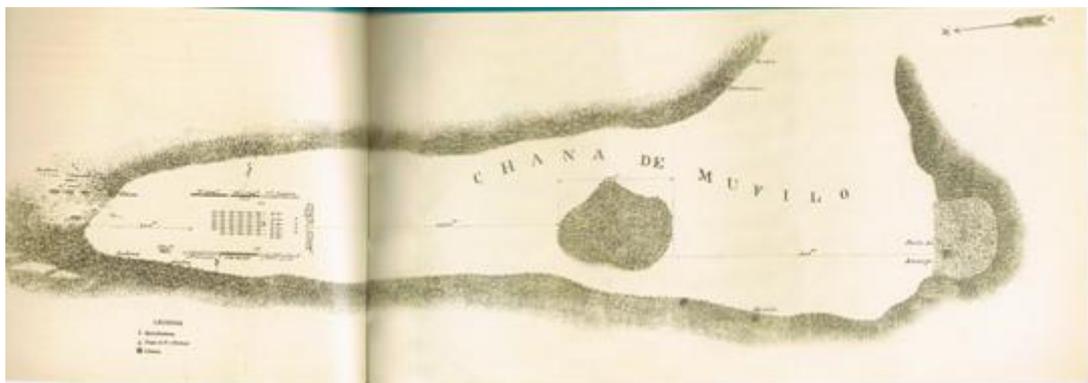
FONTE: <http://antonio.blogspot/alves-roçadas.html>

Anexo R

Combate de Mufilo



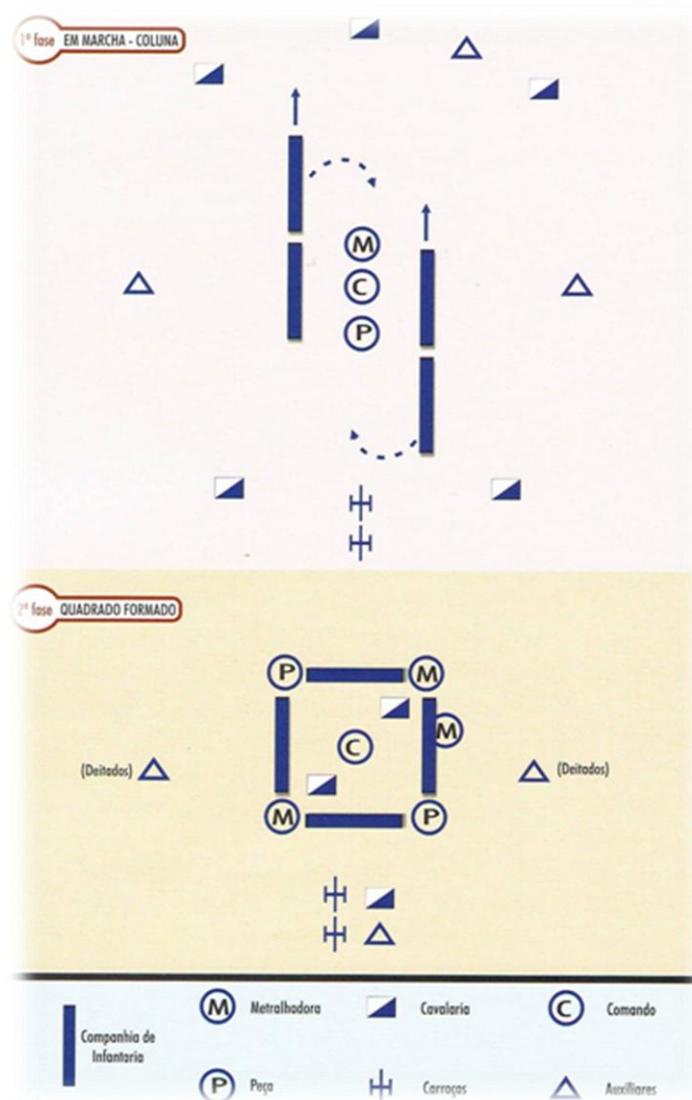
FONTE: Regalado (2004, p.54,55)



FONTE: Regalado (2004, p.50,51)

Anexo S

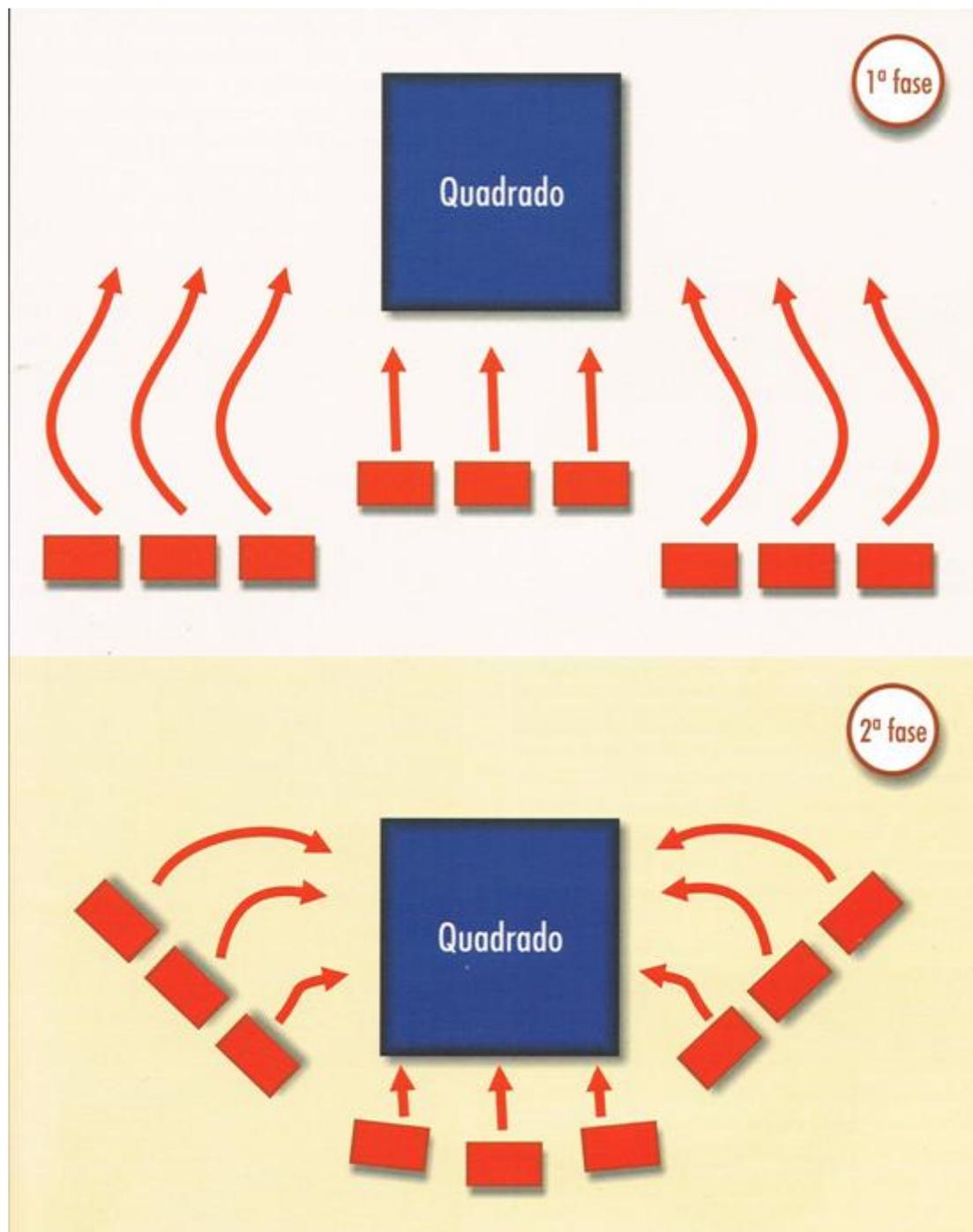
Formação de coluna e quadrado



FONTE: Telo, (2004, p.34)

Anexo T

“Cabeça de Búfalo”



FONTE: Telo, (2004, p.27)

ANEXO U

Espingarda m/872 Snider



FONTE: <http://www.deactivated-guns.co.uk/snider-rifle/html>

País de origem	Inglaterra
Calibre	14 mm
Número de estrias	3
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	600m
Alcance eficaz	180m
Depósito	Não tem
Funcionamento	Arma ordinária de retrocarga de tiro simples

FONTE: Telo, (2004, p. 47)

ANEXO V

Espingarda Martini



FONTE: <http://www.antiquearmsinc.com/martini-rifle.htm>

País de origem	Inglaterra
Calibre	11,43 mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	A graduação máxima é de 1196m
Depósito	Não tem
Funcionamento	Arma ordinária de recarga de tiro simples

Fonte: TELO, (2004, p. 53)

ANEXO W

Revolver m/878 Abadie e m/886 Abadie



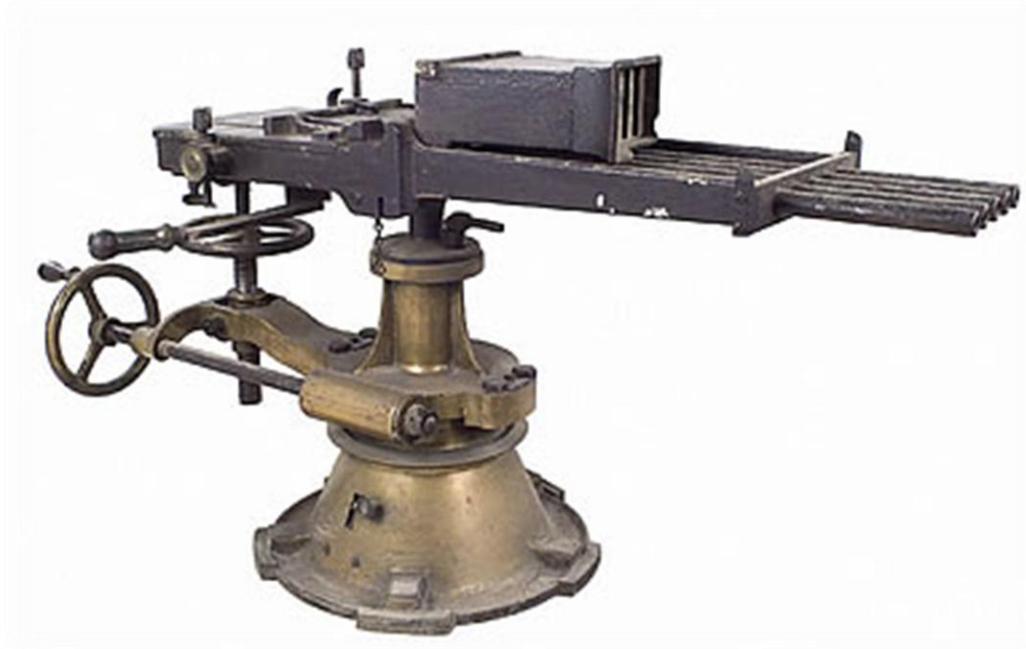
FONTE: Regalado (2004, p38)

País de origem	Bélgica
Calibre	9 mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Depósito	Cilindro com capacidade para 6 munições
Funcionamento	Arma ordinária de retrocarga de tiro simples

Fonte: TELO, (2004, p. 61)

ANEXO X

Metralhadora Nordenfeldt



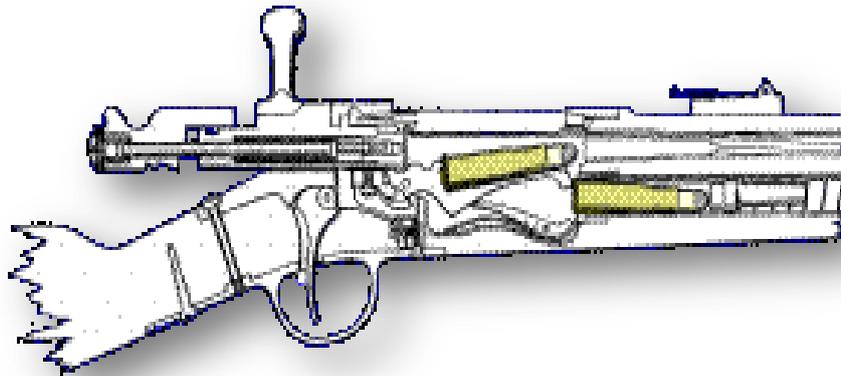
FONTE: http://www.ae1submarine.com/Enemy_Shipping_Conclusions.html

País de origem	Suécia. Fabricada sob licença em Inglaterra, em 1898
Calibre	Diversos
Número de estrias	5
Sentido das estrias	Dextrorsum
Depósito	E formado por vários compartimentos

Fonte: TELO, (2004, p. 65)

ANEXO Y

Espingarda de 8mm m/886 Kropatschek



FONTE: <http://www.francisco.paula.nom.br/armasFogo/kropatschek.htm>



FONTE: http://www.army-discount.com/Images/Long/Kropatschek_1886.htm

País de origem	Áustria
Calibre	8 mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	3400m
Alcance eficaz	2200m
Depósito	Fixo no fuste com capacidade para 8 munições
Funcionamento	Arma ordinária de retrocarga de tiro simples ou de repetição

FONTE: Telo, (2004, p. 73)

ANEXO Z

Carabina de cavalaria 6,5 mm m/896 Mannlicher



FONTE: <http://world.guns.ru/rifle/rf18-e.htm>



FONTE: <http://world.guns.ru/rifle/rf18-e.htm>

País de origem	Áustria
Calibre	6,5 mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	3200m
Alcance eficaz	1700m
Depósito	Fixo e central com capacidade para 5 munições
Funcionamento	Arma ordinária de retrocarga de tiro simples ou de repetição

FONTE: Telo, (2004, p. 84)

ANEXO AA

Peça de artilharia 75 mm Schneider-Canet



FONTE: <http://www.ejercito.mil.uy>

País de origem	França
Calibre	75 mm
Peso	845 kg
Cadência de tiro	8 disparos por minuto
Alcance máximo	3200m
Alcance eficaz	1700m
Funcionamento	Sistema de amortecimento de recuo composto por travão hidráulico

Fonte : FONTE: <http://www.ejercito.mil.uy>

ANEXO AB

Fronteiras portuguesas com a Alemanha em África



FONTE: (Barata, 2004, p.195)



FONTE: (Barata, 2004, p.186)

ANEXO AD

General Massano de Amorim



FONTE: http://www.arqne.pt/portugalgrandeguerra/pgm_mocam01.html

Anexo AE

General Von Lettow Worbeck



FONTE: <http://forum.paradoxplaza.com>

ANEXO AF

Espingarda 6,5mm m/904 Mauser – Vergueiro



FONTE: <http://www.militaryphotos.net/Portuguese-Mauser.jpg>

País de origem	Alemanha. Culatra Portuguesa
Calibre	6,5 mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	4500m
Alcance eficaz	1500m
Depósito	Fixo e central com capacidade para 5 munições
Funcionamento	Arma ordinária de recarga de tiro simples ou de repetição.

FONTE: Telo, (2004, p. 89)

ANEXO AG

Pistola 7,65 mm m/908 Luger



FONTE: <http://forum.newsarama.com/showthread.php>

País de origem	Alemanha
Calibre	9 mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	1800m
Alcance útil	25m
Depósito	Carregador independente ao nível do punho com capacidade para 8 munições
Funcionamento	Arma automática de tiro semi-automático e curto recuo do cano.

FONTE: Telo, (2004, p. 101)

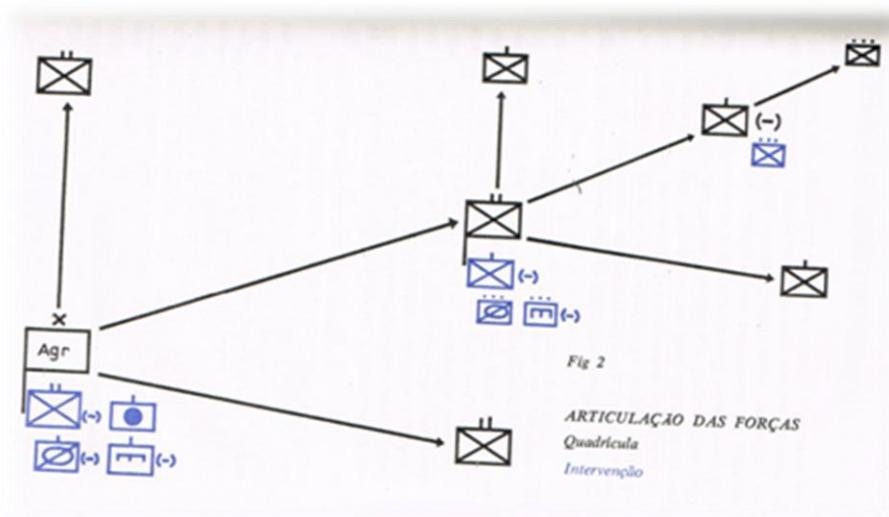
ANEXO AH

Agrupamento de 4 Batalhões em Quadrícula



FONTE: (E.M.E, 1963, p.13)

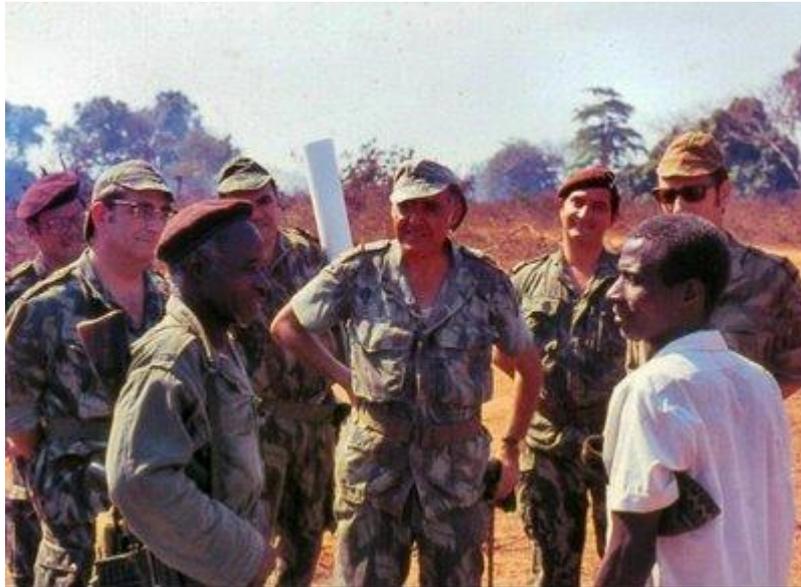
Articulação das forças de Quadrícula



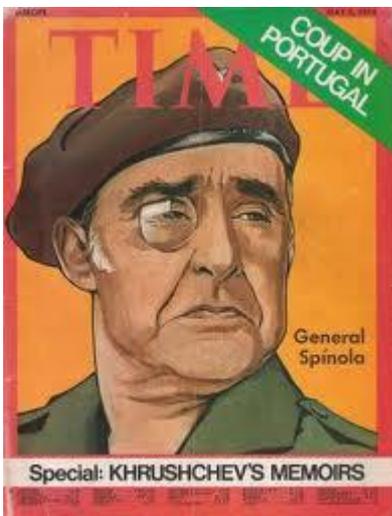
FONTE: (E.M.E, 1963, p.18)

ANEXO AI

Marechal António de Spínola



FONTE: <http://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/guine.html>



FONTE: <http://www.aventar.eu/spinola>

FONTE: <http://www.esfcastro.pt/.htm>

ANEXO AJ

Milícias na Guiné



FONTE: Afonso & Gomes, (2000, p.335)



FONTE: Afonso & Gomes, (2000, p.335)

Anexo AK

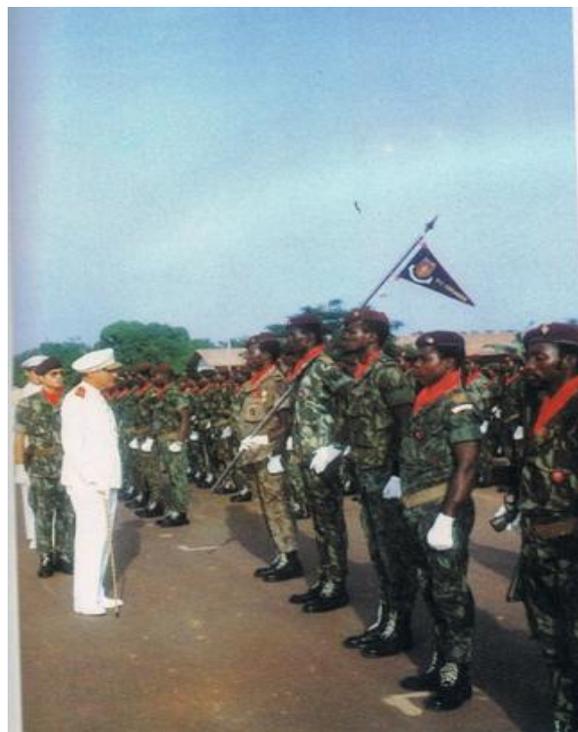
Comandos Africanos



FONTE: Afonso & Gomes, (2000, p.196)



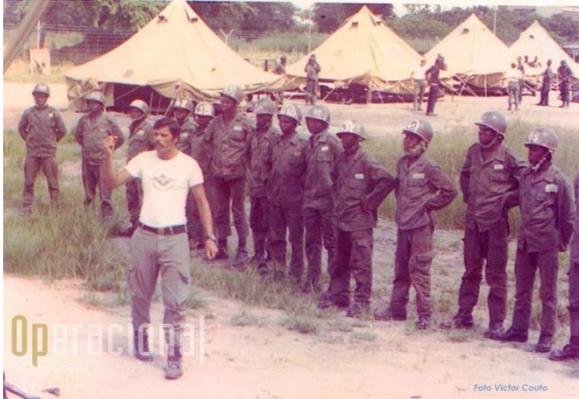
FONTE: Afonso & Gomes, (2000, p. 197)



FONTE: Afonso & Gomes, (2000, p199)

ANEXO AL

Grupos Especiais de Pára-quedaistas



FONTE: <http://www.operacional.pt>



FONTE: <http://www.operacional.pt>



FONTE: <http://www.operacional.pt>



FONTE: Afonso & Gomes, (2000, p334)

ANEXO AM

Flechas de Angola



FONTE: Afonso & Gomes, (2000, p.335) FONTE: <http://carloscoutinho.terraweb./htm>



FONTE: Afonso & Gomes, (2000, p.72)

ANEXO AN

Pistola-metralhadora 9mm m/948 FBP



FONTE: <http://www.reamilitar.net/DIRECTORIO/ALIG.aspx?nn=123>

País de origem	Portugal
Calibre	9 mm
Número de estrias	6
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance eficaz	100m
Alcance útil	50m
Depósito	Carregador com capacidade para 32 munições
Funcionamento	Arma automática, de tiro semi-automático e automático, de funcionamento por inércia.

FONTE: Telo, (2004, p. 167)

ANEXO AO

Pistola 9mm m/961 Walther



FONTE: <http://www.tradebit.com/filesharing.php/6014-Sounds-MIDI-Weapons/5>

País de origem	Alemanha
Calibre	9mm
Número de estrias	6
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	1600m
Alcance útil	50m
Depósito	Carregador com capacidade de 8 munições
Funcionamento	Arma automática de tiro semi-automático e curto recuo do cano

FONTE: Telo, (2004, p. 177)

ANEXO AP

Pistola-metralhadora 9mm m/961 UZI



FONTE: <http://www.bullethole.com/pages/rentals.html>

País de origem	Israel
Calibre	9mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	200m
Alcance útil	50m
Depósito	Carregador com capacidade de 32 munições.
Funcionamento	Arma automática, de tiro semi-automático e automático, de funcionamento por inércia.

FONTE: Telo, (2004, p. 186)

ANEXO AQ

Espingarda de assalto 7,62 m/961 FN FAL



FONTE: <http://www.thefirearmsforum.com/showthread.php?t=61549>

País de origem	Bélgica
Calibre	7,62mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	2000m
Alcance eficaz	200m
Depósito	Carregador com capacidade para 20 munições
Funcionamento	Arma automática, de tiro semi-automático e automático, com tomada de gases num ponto do cano.

FONTE: Telo, (2004, p. 189)

ANEXO AR

Espingarda 7,62mm m/963 G3



FONTE: http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=410

País de origem	Alemanha. Fabricada em Portugal a partir de 1963, na fabrica de braço de prata
Calibre	7,62mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	2000m
Alcance útil	400m
Depósito	Carregador com capacidade para 20 munições
Funcionamento	Arma automática, de tiro semi-automático e automático, de funcionamento por inércia.

FONTE: Telo, (2004, p. 193)

ANEXO AS

Espingarda de assalto 7,62mm m/961 AR-10



FONTE: <http://greenberet.no.sapo.pt/ar10.htm>

País de origem	EUA. Fabricada em série na Holanda
Calibre	7,629mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	2500m
Alcance útil	200m
Depósito	Carregador com capacidade para 20 munições
Funcionamento	Arma automática, de tiro semi-automático e automático, com tomada de gases num ponto do cano.

FONTE: Telo, (2004, p. 199)

ANEXO AT

Metralhadora 7,62mm m/962 MG42



FONTE: <http://dummidumbwit.wordpress.com/2010/01/16/german-mg-42-machine-gun/>

País de origem	Alemanha
Calibre	7,62mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	4000m
Alcance útil	1200m
Depósito	Fita carregadora DM1 com capacidade para 50 munições
Funcionamento	Arma automática, de tiro semi-automático e automático, com curto recuo do cano.

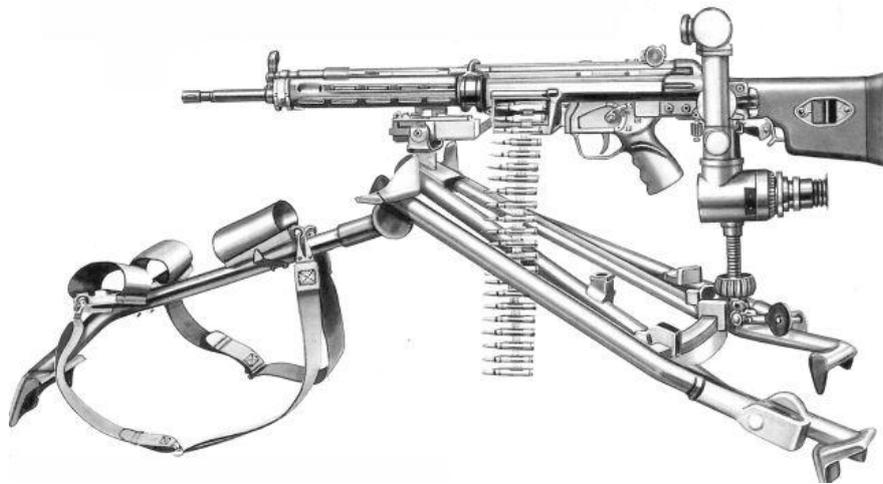
FONTE: Telo, (2004, p. 202)

ANEXO AU

Metralhadora ligeira 7,62mm m/963 HK21



FONTE: <http://world.guns.ru/machine/mg18-e.htm>



FONTE: <http://world.guns.ru/machine/mg18-e.htm>

País de origem	Fabricada pela INDEP sob licença da HK
Calibre	7,62mm
Número de estrias	4
Sentido das estrias	Dextrorsum
Alcance máximo	1200m
Alcance útil	600m
Depósito	Fita carregadora DM1 com capacidade para 50 munições
Funcionamento	Arma automática, de tiro semi-automático e automático.

FONTE: Telo, (2004, p. 206)